

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

ÉRICA EHLERS IRACET

**RELAÇÕES RETÓRICAS EMERGENTES DA INSERÇÃO
DE NARRATIVAS EM NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA ADULTOS E CRIANÇAS**

**São Leopoldo
2014**

ÉRICA EHLERS IRACET

**RELAÇÕES RETÓRICAS EMERGENTES DA INSERÇÃO
DE NARRATIVAS EM NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA PARA ADULTOS E CRIANÇAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eduarda Giering

São Leopoldo

2014

I65r Iracet, Êrica Ehlers
Relações retóricas emergentes da inserção de narrativas em notícias de divulgação científica para adultos e crianças / por Êrica Ehlers Iracet. -- São Leopoldo, 2014.

95 f.: il. ; 30 cm. + 1 CD.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2014.

Área de concentração: Linguagem, tecnologias e interação.

Linha de pesquisa: Texto, léxico e tecnologia.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Maria Eduarda Giering, Escola da Indústria Criativa.

CD: Textos analisados.

1.Linguística aplicada. 2.Notícias científicas. 3.Comunicação na ciência. 4.Crianças e adultos. 5.Narrativa (Retórica). I.Giering, Maria Eduarda. II.Título.

CDU 81'33

070.431:001.92-053.2

070.431:001.92-053.8

808

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ÉRICA EHLERS IRACET

"RELAÇÕES RETÓRICAS EMERGENTES DA INSERÇÃO DE NARRATIVAS EM NOTÍCIAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA ADULTOS E CRIANÇAS"

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Aprovada em 22 de dezembro de 2014

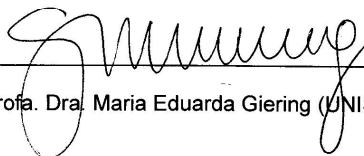
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)



Profa. Dra. Juliana Alles de Camargo de Souza (UNISINOS)



Profa. Dra. Maria Eduarda Giering (UNISINOS)

Aos meus pais, Sérgio e Ana Lúdia, pelo
esforço e constante motivação para que
eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Maria Eduarda Giering, pelo carinho e dedicação demonstrados ao longo de todo o meu percurso acadêmico – desde a graduação – e, principalmente, por sempre acreditar no meu potencial.

Às professoras participantes da Banca de Qualificação – Maria Beatriz Nascimento Decat e Juliana Alles de Camargo de Souza – pelas valiosas contribuições, que muito auxiliaram na transformação de um singelo projeto neste produto final.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

À CAPES, por ter me concedido a bolsa de estudos.

À secretária do PPGLA, Valéria, por estar sempre disponível para auxílios e esclarecimentos.

A todas as minhas professoras das disciplinas do mestrado – em especial, às professoras Marlene Teixeira e Marília Lima – pelos valiosos ensinamentos e constante motivação.

Aos colegas – mestrandos e doutorandos – do PPGLA, pelo compartilhamento de experiências, alegrias, conquistas e angústias.

Ao pessoal do grupo de pesquisa CCELD, pelo companheirismo, pela amizade, pelas viagens e, principalmente, pelos momentos de descontração.

Aos meus colegas de serviço – em especial, ao Alexandre – pelas trocas de períodos, pela compreensão e pelas mensagens diárias de apoio e motivação.

Às diretoras das escolas em que trabalho – Aline e Francieli – pela compreensão nos momentos em que precisei ausentar-me em prol das atividades do mestrado.

Aos meus familiares e amigos, por vibrarem e torcerem por mim.

À minha prima, Ana Luíza, por estar agora, sentada ao meu lado, ouvindo e opinando sobre os meus agradecimentos.

Ao meu namorado, Cândido, por estar sempre ao meu lado, inclusive enquanto eu escrevia esta dissertação, e por aguentar meu estresse e lamentações.

À minha família – pai, mãe e vó Terezinha – por tudo que sou e pelo que ainda serei.

“O ato de linguagem, do ponto de vista de sua produção, pode ser considerado como uma expedição e uma aventura”.

(CHARAUDEAU, 2008b)

RESUMO

O presente estudo busca investigar as relações retóricas que emergem do encaixe de segmentos narrativos na organização macroestrutural de notícias de divulgação científica (DC) dirigidas aos públicos infantil e adulto. A organização narrativa é analisada segundo os postulados de Adam (2011) e Charaudeau (2008b); a organização retórica macroestrutural dos textos, por sua vez, é estudada de acordo com a *Rhetorical Structure Theory* – RST. (MANN; THOMPSON, 1988). O *corpus* do estudo é composto de 15 notícias de DC voltadas ao público infantil, publicadas na revista *Ciência Hoje das Crianças* entre dezembro de 2004 e setembro de 2010, e de 15 notícias de DC direcionadas ao público adulto, veiculadas na revista *Ciência Hoje*, entre agosto de 2005 e julho de 2012. A metodologia empregada consiste na análise quantitativa da emergência de relações retóricas entre os segmentos narrativos encontrados nos *corpora* (infantil e adulto) e as demais porções textuais, bem como na análise qualitativa de alguns textos selecionados para exemplificar cada uma das relações retóricas encontradas. Em seguida, é realizada uma análise comparativa entre os dados quantitativos provenientes das análises dos textos para crianças e dos textos para adultos. Assume-se que a esquematização de um texto é um processo de coconstrução, no qual o produtor, ao organizar seu plano textual, leva em consideração as características e conhecimentos de seu possível leitor e, a partir disso, lança mão de estratégias variadas para alcançar o fim discursivo pretendido e causar os efeitos desejados sobre o leitor. Dessa forma, conclui-se que a emergência recorrente de determinadas relações retóricas entre as narrativas encaixadas e as outras partes do texto revela estratégias do produtor textual para orientar a leitura e compreensão da notícia, tanto nos textos escritos para crianças quanto nos escritos para adultos.

Palavras-chave: Divulgação científica midiática. Narrativa. Relações retóricas. RST.

ABSTRACT

This research aims to investigate the rhetorical relations which emerge from the insertion of narrative segments in the macrostructural organization of scientific popularization news directed to children and adults. The narrative organization is analyzed according to Adam's (2011) and Charaudeau's (2008b) postulates; the rhetorical organization of the texts, in turn, is studied according to *Rhetorical Structure Theory* – RST. (MANN; THOMPSON, 1988). The research *corpus* is composed of 15 scientific popularization news intended for children, published in the magazine *Ciência Hoje das Crianças*, and of 15 scientific popularization news directed to adults, issued in the magazine *Ciência Hoje*. The methodology consists of a quantitative analysis of the emergency of rhetorical relations between the narrative segments found in the *corpora* (texts for children and texts for adults) and other textual portions, as well as of a qualitative analysis of some selected texts in order to exemplify each one of the rhetorical relations found. Then, a comparative analysis is done between the quantitative data resultant from the analysis of the texts for children and of the texts for adults. We assume that the schematization of a text is a process of co-construction, in which the producer, when organizes the text plan, takes into consideration the characteristics and knowledge of his/her possible reader and, from this, resorts to different strategies in order to achieve the discursive aim intended and cause the desired effect over the reader. Thus, we conclude that the recurrent emergency of certain rhetorical relations between the inserted narratives and the other portions of the text reveals strategies of the textual producer in order to guide the reading and comprehension of the new, both in texts written for children and in texts written for adults.

Keywords: Scientific popularization. Narrative. Rhetorical relations. RST.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espiral da Cultura Científica.....	21
Figura 2 - Intersecção de três discursos: científico, midiático e didático	22
Figura 3 - Tríade de base.....	32
Figura 4 - A sequência narrativa e suas macroproposições.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definição da relação de Elaboração	41
Quadro 2 - Relação entre o número de relações retóricas encontradas e o número de segmentos narrativos (<i>Corpus 1</i>).....	48
Quadro 3 - Resultados quantitativos: corpus infantil (<i>Corpus1</i>)	50
Quadro 4 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Descoberta de gente grande</i>	54
Quadro 5 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Cara de um, focinho do outro</i>	59
Quadro 6 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Trans... o quê?</i>	63
Quadro 7 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Desvendando os mistérios da matéria</i>	68
Quadro 8 - Relação entre o número de relações retóricas encontradas e o número de segmentos narrativos (<i>Corpus 2</i>).....	70
Quadro 9 - Resultados quantitativos: corpus adulto (<i>Corpus 2</i>).....	72
Quadro 10 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Cópia de si mesma</i>	74
Quadro 11 - Análise da estrutura retórica do texto <i>Alexandre... Tão grande assim?</i>	78
Quadro 12 - Associação entre a estrutura composicional e a estrutura retórica do gênero notícia de DC	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 O Discurso de Divulgação Científica	17
2.1.1 Divulgação Científica para Crianças.....	19
2.2 A Divulgação Científica na Mídia	21
2.3 A Organização Narrativa	28
2.4 Teoria da Estrutura Retórica (RST)	36
3 METODOLOGIA	44
4 ANÁLISE DOS CORPORA	47
4.1 Análise Quantitativa do <i>Corpus</i> Infantil (<i>Corpus 1</i>)	47
4.1.1 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Circunstância.....	51
4.1.2 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Elaboração	56
4.1.3 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Solução	61
4.1.4 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Fundo	65
4.2 Análise Quantitativa do <i>Corpus</i> Adulto (<i>Corpus 2</i>)	70
4.2.1 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Elaboração	72
4.2.2 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Fundo	76
4.3 Discussão dos Resultados e Comparação	80
5 CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	86
ANEXO A - Lista de relações organizada durante a execução do projeto Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica – O.R.T.D.C. Atualizada em novembro/2006	88

ANEXO B - Mídia digital contendo os textos pertencentes aos dois corpora (infantil e adulto), na íntegra, bem como as análises de suas estruturas retóricas. Os segmentos narrativos estão marcados em amarelo nos textos 95

1 INTRODUÇÃO

A divulgação científica, especialmente a midiática, ainda é um assunto pouco explorado por pesquisas acadêmicas no país. Entretanto, muitos autores e, até mesmo, o próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entram em consenso ao afirmar que a divulgação científica de qualidade configura-se como um caminho eficiente para a instauração de uma cultura científica na sociedade e, conseqüentemente, para a formação de cidadãos responsáveis, críticos e conscientes de seu papel social. Nesse sentido, a academia torna-se ambiente propício para o desenvolvimento de estudos, como este, que visem ao reconhecimento das estratégias possíveis à atividade de popularização da ciência e, a longo prazo, à capacitação de professores para o trabalho com esta atividade em sala de aula.

A mídia tem se revelado uma instância que desempenha um papel fundamental na popularização da ciência à sociedade. Focalizando seu plano de ação diretamente nos acontecimentos sociais e científicos, a instância midiática tem, como uma de suas funções, o propósito de informar/divulgar os fatos, de maneira acessível, ao público em geral. Nesse sentido, verifica-se a consolidação de um ramo específico no discurso de divulgação científica: o discurso de midiatização da ciência (ou divulgação científica midiática – DCM).

O discurso de midiatização da ciência tem sido, igualmente, assunto de poucos estudos e pesquisas. Todavia, como bolsista de iniciação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, tive a oportunidade de participar de projetos de pesquisa diretamente focados nessa temática, como o *Divulgação Científica: Estratégias Retóricas e Organização Textual (DCEROT)* e o *Características linguístico-discursivas de artigos de divulgação científicamidiática para crianças*, ambos coordenados pela Prof^a. Dra. Maria Eduarda Giering. O presente trabalho, orientado pela mesma professora, toma como base algumas pesquisas já realizadas no âmbito dos projetos acima mencionados para

investigar o uso da narrativa, vista como um modo de organização do discurso¹, e seus papéis retórico e discursivo na popularização e midiática da ciência.

Este trabalho almeja um aprofundamento do estudo realizado em meu Trabalho de Conclusão de Curso, no âmbito do Curso de Letras – Português/Inglês, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o qual, intitulado “Estratégias de uso da narrativa na divulgação científica midiática: uma comparação entre artigos da revista *Ciência Hoje* para adultos e crianças”, teve como objetivo investigar e comparar algumas das estratégias e finalidades de utilização da organização narrativa em textos de divulgação científica midiática direcionados a adultos e crianças.

Para atingir o objetivo proposto, foram estabelecidas categorias de análise de segmentos organizados narrativamente, retirados dos textos dos *corpora* (infantil e adulto), quais sejam: grau de narrativização – com base nos postulados de Adam (2011) –, função discursiva – a qual, após um estudo preliminar dos *corpora*, foi subcategorizada em *relato histórico*, *descrição de procedimentos metodológicos* e *ativação de memórias prévias do leitor* – e correspondência às restrições de seriedade e/ou de emocionalidade do contrato de comunicação midiática – conforme Charaudeau (2008a).

No TCC, contudo, não foi investigado o papel discursivo da narrativa na organização retórica macroestrutural dos textos, com vistas a determinar os **efeitos** sobre o leitor almejados pelo produtor textual, o que se pretendeu realizar na nova pesquisa que originou esta dissertação. Após a constatação de diferentes estratégias de narrativização dentro das categorias acima mencionadas e a análise das recorrências de uso da organização narrativa para determinados fins, portanto, restaram-me certos questionamentos: estarão essas estratégias e recorrências relacionadas, também, à produção de efeitos retóricos sobre o leitor? Ou seja, a opção pelo modo de organização narrativo, em diferentes graus de narrativização e com diversas funções discursivas, se dá com a intenção de provocar certos efeitos no leitor, como, por exemplo, preparar

¹ A compreensão da narrativa, ou narração, como um modo de organização do discurso, advinda de Charaudeau (2008b), é muito próxima à concepção de narrativa como *tipo textual*, defendida por Marcuschi (2008). Ambas as noções divergem do conceito de *gênero textual*, na medida em que não se referem aos textos materializados em si, mas ao modo como estes são organizados em função de suas finalidades comunicativas. Esta relação está melhor detalhada na seção 2.3 da fundamentação teórica deste trabalho, intitulada “A organização narrativa”.

ou motivar para a leitura, ou, ainda, elaborar algo anteriormente asseverado? E, ainda: tais estratégias de uso da narrativa serão recorrentes para a produção de determinados efeitos retóricos sobre o leitor?

Desta forma, o aprofundamento do estudo se realiza na medida em que se busca identificar, na organização retórica macroestrutural dos textos do *corpus*, investigada por meio da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST), as relações retóricas que emergem entre os segmentos organizados narrativamente e as demais partes dos textos. Em outras palavras, o foco deste trabalho recai sobre a investigação dos efeitos discursivos desempenhados por segmentos narrativos inseridos em notícias de divulgação científica (DC) dirigidas a adultos e crianças, realizada a partir da análise macroestrutural das relações retóricas emergentes entre tais segmentos e as porções textuais que os precedem ou sucedem.

Escolheu-se a RST devido ao fato de esta ser uma teoria que, por meio da descrição das partes que compõem o texto e dos princípios de combinação dessas partes, procura analisar e descrever as relações que se estabelecem entre pares de porções (*spans*) do texto, atribuindo-lhes natureza funcional e determinando-as em termos das categorias de efeito que produzem, refletindo, por conseguinte, as opções de apresentação e organização realizadas pelo produtor textual. Acredita-se, assim, que nenhuma outra teoria atenderia melhor à proposta de verificar o uso da organização narrativa como procedimento discursivo para a produção de determinados efeitos retóricos sobre o leitor.

Em linhas gerais, portanto, o objetivo deste estudo é investigar as relações retóricas (de acordo com a RST) emergentes da inserção de segmentos organizados narrativamente em notícias de DC voltadas aos públicos infantil e adulto, visando a determinar os efeitos discursivos decorrentes do uso do modo de organização narrativo. Em termos mais específicos, pretende-se, também, verificar a recorrência, ou não, do surgimento de determinadas relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais porções dos textos, bem como estabelecer uma comparação dessa recorrência entre os textos direcionados a crianças e os dirigidos a adultos.

A relevância social desta pesquisa está na importância da difusão de práticas vinculadas à popularização científica – bem como do modo como estas

se concretizam –, por meio da compreensão das estratégias adotadas por cientistas e jornalistas para divulgar temas da ciência a adultos e crianças.

A seguir, serão apresentadas as bases teóricas deste trabalho, no que diz respeito às características do discurso de divulgação científica, bem como ao seu ramo voltado ao público infantil e às propriedades que tal discurso assume quando inserido na mídia. Serão, ainda, discutidos aspectos relacionados ao modo de organização narrativo (CHARAUDEAU, 2008b), à sequência narrativa (ADAM, 2011) e, por fim, à Teoria da Estrutura Retórica – RST. (MANN; THOMPSON, 1988). Os pressupostos teóricos relacionados às características do discurso de midiatização da ciência e à narrativa em seus níveis discursivo (modo de organização visto como procedimento para o alcance de determinados fins sobre o leitor) e textual (estrutura sequencial e graus de narrativização) são importantes para o entendimento das categorias de análise de segmentos narrativos estabelecidas ainda no TCC, as quais serão, nesta pesquisa, estudadas quanto aos efeitos que produzem em meio às relações retóricas que emergem da organização macroestruturadas notícias de DC. Os postulados concernentes à RST, por sua vez, são trazidos com a intenção de esclarecer os propósitos e princípios da teoria e, principalmente, de justificar e descrever o seu uso como procedimento de análise dos textos do *corpus*.

As últimas seções serão destinadas aos procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa, à apresentação das análises e discussão/comparação dos resultados e às considerações finais e conclusão deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentados:

- a) a definição e as características do discurso de divulgação científica (doravante DC), para adultos e crianças;
- b) as propriedades do discurso de midiatização da ciência, levando-se em consideração o contrato de comunicação midiático (CHARAUDEAU, 2008a, 2009);
- c) princípios inerentes ao modo de organização narrativo (CHARAUDEAU, 2008b) e à sequência narrativa (ADAM, 2011);
- d) aspectos relativos à Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988).

2.1 O Discurso de Divulgação Científica

É consenso que, para cumprir de forma efetiva o propósito de colaborar com a construção de uma sociedade fundamentada nos princípios da cidadania e da educação, o conhecimento científico, produzido no meio acadêmico, precisa ser compartilhado não apenas entre os próprios cientistas e estudiosos de ciência, mas com a população em geral, formada também pelo público leigo, o qual, mesmo não tendo uma formação propriamente científica, está diariamente em contato inevitável com fenômenos e temas da ciência. Nesse sentido, as práticas de difusão científica tornam-se cada vez mais necessárias e relevantes ao avanço social e, em consequência, ao desenvolvimento do país.

De acordo com Zamboni (2001, p. 45-46):

A divulgação científica é entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora de seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral.

Portanto, do mesmo modo que a disseminação entre especialistas da área, a divulgação científica caracteriza-se como uma atividade de difusão da ciência igualmente importante, a qual exigirá, até mesmo, uma demanda maior

de trabalho por parte do sujeito divulgador, já que este deverá procurar manter-se fiel, ou pelo menos verossímil, ao conteúdo científico que deseja divulgar e, ao mesmo tempo, tornar possível ao público leigo (ou seja, não especializado) uma compreensão efetiva acerca do tema objeto da DC.

Zamboni (2001, p. 47) também afirma que tal preocupação em facilitar a compreensão dos temas e fenômenos científicos ao leitor/ouvinte leigo passa, necessariamente, pela linguagem, em um “trabalho de recodificação”, no qual, segundo a autora, “Parece residir a tarefa de maior envergadura que cabe ao divulgador”.

Neste trabalho, no entanto, acredita-se que a DC vai muito além de uma simples tarefa de recodificação linguística, consistindo em um processo de recontextualização do discurso científico especializado, cuja complexidade ultrapassa a transposição da linguagem especializada em uma linguagem acessível. Conforme Calsamiglia e Van Dijk (2004, p. 371):

Popularização envolve não apenas uma *reformulação*, mas em particular também uma *recontextualização* do discurso científico que é originalmente produzido em contextos especializados aos quais o público leigo tem acesso limitado. Isto significa que o discurso de popularização deve sempre adaptar-se às condições de adequação e outras restrições da mídia e das situações de comunicação, como, por exemplo, aquelas da imprensa diária ou de revistas especializadas, nas quais ele aparece. [Tradução nossa].²³

Dessa forma, concebe-se, neste trabalho, a DC como uma situação de comunicação particular e específica, com características próprias no que diz respeito a público-alvo, tema, estilo e composição e, em muitos aspectos, diferente do discurso científico especializado.

Como uma situação comunicacional que engloba características discursivas específicas, a DC pode apresentar, nas palavras de Zamboni (2001, p. 94), “múltiplas faces”. Como exemplo dessa multiplicidade, temos a divulgação

² Popularization involves not only a *reformulation*, but, in particular also a *recontextualization* of scientific knowledge and discourse that is originally produced in specialized contexts to which the lay public has limited access. This means that popularization discourse must always adapt to the appropriateness conditions and other constraints of the media and communicative events, e.g. those of the daily press or specialized magazines, in which they appear. (CALSAMIGLIA; VAN DIJK, 2004, p. 371).

³ Todas as traduções realizadas nesta dissertação são de responsabilidade da autora.

científica para o público infantil e a divulgação científica midiática, as quais serão discutidas a seguir.

2.1.1 Divulgação Científica para Crianças

Como visto anteriormente, Zamboni (2001) considera a recodificação de uma linguagem científica especializada em uma linguagem acessível a um público heterogêneo não especializado a tarefa de maior peso no trabalho do divulgador. Quando o público-alvo é formado por crianças e jovens, certamente esta tarefa exigirá um esforço ainda maior para, além de possibilitar a compreensão efetiva desse público acerca de temas e fenômenos da ciência, captar a atenção e o interesse dos pequenos para o universo científico. Para Zamboni (2001, p. 123):

Admitindo-se que a dimensão interlocutiva faz intervir necessariamente a noção de coenunciação, devem-se encontrar recursos metalinguísticos específicos na divulgação para crianças, com os quais o enunciador busca construir o discurso da DC para incorporar a representação que ele assume do destinatário-criança.

Em outras palavras, se já na divulgação científica dirigida ao público adulto se faz necessário levar em consideração as características desses interlocutores, principalmente o fato de serem sujeitos não possuidores de uma formação acadêmica nas áreas da ciência, não será diferente no discurso de popularização voltado ao público infanto-juvenil, o qual assume particularidades ainda maiores do que a não especialização na área, dentre as quais estão a pouca idade e um conhecimento de mundo bastante diferenciado se comparado ao de um público mais maduro.

Dessa forma, o divulgador que se propõe a popularizar assuntos científicos a crianças precisa estar atento para a:

Necessidade de, ao mesmo tempo, informar e de captar a atenção de um leitor que está em processo de formação intelectual e que não está necessariamente interessado nos temas da ciência. É preciso emocioná-lo, sensibilizá-lo para os temas científicos, manter seu interesse até o fim do texto por

meio de estratégias linguístico-discursivas que considerem seu desenvolvimento intelectual e interesses. (GIERING; SOUZA, 2012, p. 4).

O procedimento de captação do interesse do público infantil pelos temas da ciência torna-se viável por meio de estratégias linguístico-discursivas variadas, dentre as quais Giering (2008; 2010) enfatiza:

- apelo à modalidade alocutiva da Interpelação (por meio do emprego do pronome *você*, visando ao reconhecimento do leitor como alvo do apelo do produtor);
- emprego de verbos no modo imperativo (implicando especialmente uma demanda cognitiva do leitor: *adivinha, entenda, acredite*), de frases interrogativas (que objetivam principalmente a demanda de informação ou de conhecimento), de frases exclamativas (que enfatizam a qualidade positiva de certas ações do cientista), de avaliações emotivas de um objeto ou ser ou de uma ação;
- referência a temas e situações supostamente já conhecidas do leitor; relatos de experiência pessoal;
- antecipação de possíveis questionamentos ou avaliações do leitor mirim; chamada de atenção do leitor para o fato de que ele adquiriu um novo saber que modifica sua percepção de mundo, transformando-o.

Somado a tais recursos está o emprego da organização narrativa, em textos completos ou em fragmentos textuais, que tem sido colocado em prática de diversas formas, desempenhando funções discursivas variadas e ocupando diferentes posições nos planos de texto. Como dito anteriormente, o uso da narrativa, tanto na divulgação científica para adultos quanto para crianças, é o foco das análises desenvolvidas neste trabalho.

Todavia, o discurso de divulgação científica para o público infanto-juvenil é, ainda nos dias de hoje, pouco explorado no país. Entretanto, de acordo com Massarani e Neves (2008, p. 10):

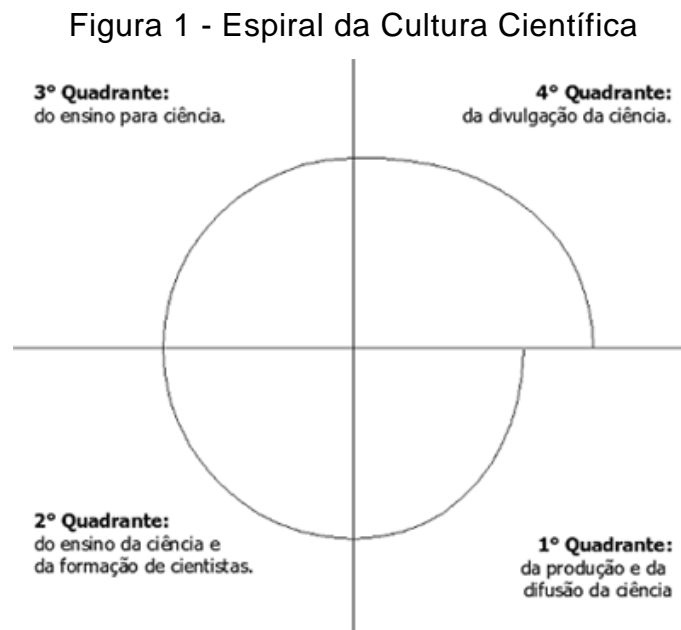
Experiências educacionais vêm demonstrando que o público infantil tem grande capacidade de lidar com temas de ciência. No entanto, essa capacidade não tem sido explorada em sua plenitude, especialmente fora do espaço escolar. A divulgação científica bem feita pode ser um instrumento útil para a consolidação de uma cultura científica na sociedade. Mas, enquanto a educação científica formal tem encontrado fóruns importantes de discussão, são reduzidos os espaços para discutir a divulgação científica para o público infanto-juvenil.

Assumindo que a divulgação da ciência contribui para a formação de cidadãos responsáveis, críticos e cientes de seu papel na sociedade, e que este processo de formação científica torna-se mais eficiente se iniciado já na infância, algumas instituições midiáticas têm realizado um relevante trabalho neste sentido. É o caso, por exemplo, da revista *Ciência Hoje das Crianças*, que, por muitos anos, tem encarado tal desafio, e da qual foram selecionados alguns dos textos presentes no *corpus* da pesquisa que originou o presente trabalho.

Na próxima seção, serão apresentadas as características que o discurso de divulgação científica assume quando inserido na mídia, estritamente vinculadas às condições e restrições do contrato de comunicação midiático.

2.2 A Divulgação Científica na Mídia

Adotando a expressão “cultura científica” para defender a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, tanto na difusão entre pares, quanto na divulgação à sociedade como um todo, Vogt (2003) propõe uma forma de representação da dinâmica desse processo, conhecida como *espiral da cultura científica*:



Fonte: Vogt (2003).

Segundo o autor, no primeiro quadrante, o *da produção de da difusão da ciência*, os destinadores e destinatários da ciência são os próprios cientistas; no

segundo quadrante – do *ensino da ciência e da formação de cientistas* –, por sua vez, os destinadores são os cientistas e professores, e os destinatários, os alunos; no terceiro (*do ensino para a ciência*), cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais da ciência seriam os destinadores, e os estudantes e o público jovem, os destinatários; finalmente, no quarto quadrante – *da divulgação da ciência* –, jornalistas e cientistas são os destinadores, e os destinatários compõem-se pela sociedade em geral, o que, para Vogt (2003), “Tornaria o cidadão o destinatário principal dessa interlocução da cultura científica”.

É neste último quadrante, o da divulgação da ciência, que estão incluídos, ainda conforme o autor, as revistas de divulgação científica, as páginas e os editoriais de jornais voltados para o tema, os programas de televisão, entre outros. Nesta parte da espiral, portanto, encontra-se o discurso de midiatização da ciência, ou divulgação científica midiática (DCM).

Para Giering e Souza (2012, p. 1), “Uma característica marcante da divulgação científica midiática é o fato de ela se situar na intersecção de três discursos: o científico, o midiático e o didático” (Figura 1):

Figura 2 - Intersecção de três discursos: científico, midiático e didático



Fonte: Giering e Souza (2012, p. 1).

Compreender essa intersecção, ainda segundo as mesmas autoras, culmina na tomada da DCM como “Um objeto de investigação que exige atenção para as condições situacionais de sua produção” (GIERING; SOUZA, 2012, p. 1), ou seja, para o contrato de comunicação no qual se insere. A noção de contrato de comunicação é postulada por Charaudeau (2009, p. 67-68), que afirma:

Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. [...] Por conseguinte, os indivíduos que querem comunicar entre si devem levar em conta os dados da situação de comunicação. [...] O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. Eles se encontram na situação de dever subscrever [...] a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um contrato de comunicação.

Dessa forma, considerando-se o foco deste trabalho na divulgação científica midiática, é importante assumir que qualquer discurso que se insira no domínio situacional da mídia deverá atender às finalidades do contrato de comunicação adjacente a esse domínio, as quais Charaudeau (2009) denomina *visadas*. Nesse sentido, o autor afirma que:

A finalidade do contrato de comunicação midiática se acha numa tensão entre duas visadas [...]: uma visada de fazer saber, ou visada de informação [...], que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão; uma visada de fazer sentir, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência. (CHARAUDEAU, 2009. p. 86).

Assim, é nessa tensão entre o informar e o captar que se esquematizam os textos produzidos no âmbito da divulgação científica na mídia. Em outras palavras, entende-se que os textos de DCM, tendo em vista a dupla necessidade da informação/explicação de temas da ciência ao público em geral e da captação do interesse dos leitores pelos temas divulgados, recorrem a um processo de coconstrução, permeado pela escolha de estratégias pertinentes às características do contrato, o qual Grize (1990) define como um procedimento de “esquematização”. A noção de esquematização postulada por este autor refere-se claramente à construção, por parte do produtor do texto, de um “microuniverso” que, sendo verossímil e valendo-se de diferentes estratégias de captação, tende a facilitar a compreensão do leitor acerca das informações veiculadas no texto.

Nesse sentido, é possível afirmar que as opções de organização feitas pelo produtor do texto estão (ou, pelo menos, devem estar) estritamente vinculadas à situação comunicativa que envolve a produção do texto. Isto significa que, para obter sucesso e ser satisfatoriamente compreendido, o produtor precisa fazer uso de determinadas estratégias para adaptar seu texto ao público-alvo. De acordo com Giering (2012)⁴, uma estratégia possível ao procedimento de esquematização é a utilização de narrativas (na totalidade ou em partes do texto), a qual pode organizar-se de variadas formas e atender a diferentes propósitos.

Tendo em vista o exposto acima, é necessário enfatizar que há diferença entre discurso de divulgação científica e discurso de divulgação científica midiática. A divulgação científica em si pode aparecer tanto em situações de comunicação didáticas quanto midiáticas. Todavia, conforme Charaudeau (2008a, p. 17):

É preciso distinguir aquilo que se inscreve numa situação de ensino daquilo que se inscreve numa situação midiática. Pode-se até mesmo dizer que, no primeiro caso, ele se confunde com o discurso didático, partilhando da mesma finalidade, das mesmas posições identitárias dos sujeitos e do mesmo tipo de tema. Em contrapartida, aparecendo em uma situação midiática, o discurso de divulgação tem características próprias.

Assim, partindo-se da observação a respeito da identidade dos parceiros envolvidos na troca, da temática estabelecida, das circunstâncias materiais de produção e da finalidade discursiva da troca languageira, é possível afirmar que o discurso de divulgação científica midiática (ou, simplesmente, DCM) assume características próprias. (CHARAUDEAU, 2008a).

Primeiramente, a identidade dos parceiros envolvidos na troca é marcada por uma assimetria profunda. No que diz respeito à instância de recepção, os sujeitos podem apresentar diferentes níveis de conhecimento, o que deve ser levado em consideração pela instância de produção, que vai adaptar seu discurso de acordo com tal variedade. Segundo Charaudeau (2008a, p. 18), a identidade da instância de produção também pode variar, sendo representada por “Um cientista, como se vê nas revistas especializadas ou em entrevistas; um

⁴ Este postulado de Giering teve origem, em 2012, durante as reuniões do grupo de pesquisa que coordena, do qual faço parte desde a iniciação científica.

jornalista generalista dando conta de uma descoberta científica; ou um jornalista especializado se lançando numa tentativa de explicação de fatos científicos”.

Quanto ao tema, o discurso de midiatização da ciência apresenta:

Um objeto de saber, como nos discursos científico e didático, mas, muito frequentemente, vem desatrelado da disciplina a que normalmente se liga, pois se supõe que o público não possua um corpo de referências. Isso produz um discurso explicativo sem possibilidade de estabelecer as marcas do domínio de conhecimento ao qual ele pertence. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 18).

O linguista ainda complementa os dizeres acima com a afirmação de que, para atender à visada de captação da mídia, o discurso de DCM transforma o objeto de saber científico em um acontecimento, por meio de estratégias discursivas de dramatização, tratando-o como um acontecimento qualquer; a esse procedimento Charaudeau (2008a, p. 18) dá o nome de “*dessacralização do discurso científico*”.

As circunstâncias materiais de produção do discurso de midiatização também podem variar, de acordo com o tipo de mídia no qual ele é veiculado – visual-escrito (jornais e revistas), audio-oral (rádio) e audiovisual (televisão). O *corpus* deste estudo, em particular, foi produzido em suporte visual-escrito, o que, logicamente, implica uma “*cenarização*” da informação com características próprias.

No que concerne à sua finalidade, a DCM, segundo Charaudeau (2008a, p. 17), “*Partilha da dupla visada de informação (fazer-saber) e de captação (suscitar o interesse), mas numa relação contraditória*”. Isso significa que o discurso de midiatização da ciência precisa levar ao conhecimento do público-leitor fatos/verdades já estabelecidos, assumindo, para isso, um caráter explicativo próprio do discurso didático; todavia, ao mesmo tempo, necessita lançar mão de estratégias de captação, que motivem o interesse do leitor pela informação, característica do discurso midiático. Charaudeau (2008a, p. 18) ainda salienta que a credibilidade do discurso de DCM dependerá justamente “*Do modo de manejar essas estratégias*”.

Dadas as características particulares que a DCM assume, o linguista conclui:

O discurso de vulgarização⁵ não é a tradução de um discurso científico de origem, escrito por autores especialistas em uma disciplina endereçada aos pares, mas um discurso construído pelo órgão midiático em função da finalidade de seu contrato de comunicação. Ele não se confunde com o discurso didático, mesmo que este lhe empreste alguns aspectos discursivos, por essas mesmas razões de identidade (um professor não é um vulgarizador) e de finalidade (ensinar, o que permite se apropriar de um saber para o reproduzir e não ter dele uma opinião). (CHARAUDEAU, 2008a, p. 19).

O processo de esquematização de textos de DCM, além de estar inserido na já mencionada tensão midiática entre a informação e a captação, também precisa atender a algumas restrições pertinentes ao contrato de comunicação da mídia, as quais são apontadas por Charaudeau (2008a) como restrição de visibilidade, restrição de legibilidade, restrição de seriedade e restrição de emocionalidade.

Na *restrição de visibilidade*, leva-se em conta a seleção de estratégias para provocar no leitor o interesse pela leitura, seja por meio de certa apresentação iconográfica ou pela escolha de temas, títulos e organizações textuais que motivem a disposição para a leitura. Na mídia em geral, essa restrição encontra-se presente de forma marcante na escolha pela divulgação de assuntos inéditos e/ou possuidores de um caráter de novidade. No âmbito da DCM, entretanto, nem sempre será possível ou, até mesmo, condizente ao seu propósito, falar sobre assuntos inéditos ou novos; dessa forma, faz-se necessário o apelo a outras estratégias de captação do interesse do público leitor, e a organização narrativa de determinados trechos ou de textos completos configura-se como uma opção recorrente nesse sentido.

A *restrição de legibilidade*, conforme Charaudeau (2008a, p. 20), “É marcada por duas obsessões que já estão presentes no discurso de informação midiática em geral e que são particularmente abundantes em todo discurso de vulgarização: a simplicidade e a figurabilidade”. A simplicidade configura-se na opção por uma construção frásica e por um vocabulário simples e acessível, que, de alguma forma, facilitem a compreensão durante a leitura do texto. A figurabilidade, por sua vez, “Se traduz em procedimentos escrito-visuais de composição semiológica paratextual [...] que permitam, ao mesmo tempo, uma

⁵ Entenda-se, aqui, o termo *vulgarização* como sinônimo de *divulgação* e *popularização*.

compreensão mais imediata da questão tratada e a captura do interesse do leitor”. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 20-21). A organização narrativa, portanto, adequa-se a este princípio de figurabilidade na medida em que, dependendo de sua estruturação e de sua localização no plano de texto, objetiva, de alguma forma, facilitar a compreensão do leitor acerca do assunto tratado pelo texto e/ou motivar o interesse por tal assunto e pelo texto em si.

Ainda segundo o mesmo autor, *a restrição de seriedade* “É marcada por alguns mesmos procedimentos emprestados para assegurar a legibilidade do discurso de vulgarização, [...] os procedimentos que, na verdade, desempenham o papel de *argumento de autoridade*”. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 21). Nesse âmbito, o produtor do texto assume-se como um mediador entre o conhecimento científico e a compreensão do público leigo, divulgando os temas da ciência de modo acessível, mas, ao mesmo tempo, fiel, ou pelo menos verossímil, aos conceitos científicos aí envolvidos. Aqui, é possível afirmar que construções como a narrativa-relato, por exemplo, atendem a essa restrição quando remetem à seriedade por meio de uma contextualização histórica e factual da informação veiculada no texto.

A *restrição de emocionalidade*, de acordo com Charaudeau (2008a), privilegia efeitos afetivos sobre o leitor, sendo também:

[...] marcada por uma organização descritiva e narrativa que tanto apresenta a pesquisa científica como uma aventura em busca da verdade, que pode antropomorfizar os elementos da natureza ou os componentes químicos do organismo, emprestando-lhes intenções, convertendo-os em agentes ativos que têm intenções e projetos de busca [...]. Do mesmo modo, organiza-se um vocabulário metafórico e metonímico que transforma elementos inertes ou sem atitude cognitiva em personagens de narrativas mais ou menos míticas. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 21-22).

Dessa forma, atendendo à restrição de emocionalidade, a narrativa funciona como uma estratégia para tocar o lado afetivo do leitor, despertando-lhe sensações e aproximando-o ainda mais do “microuniverso” criado pelo texto.

A seguir, serão discutidos aspectos relevantes da organização narrativa, em seus níveis textual e discursivo.

2.3 A Organização Narrativa

Conforme anunciado na introdução deste trabalho, a narrativa será compreendida e estudada aqui em uma dupla dimensão: como um modo de organização do discurso – ou seja, como um procedimento discursivo que visa ao alcance de determinados fins sobre o leitor (motivar, preparar, etc.) – e como uma cadeia textual de macroproposições que, dependendo do seu grau de narrativização, pode apresentar-se como uma sequência ou como um relato e assumir diferentes funções retórico-discursivas na macroestruturação do texto. A dimensão discursiva será analisada conforme postulados de Charaudeau (2008b), e a textual, por meio de princípios introduzidos por Adam (2011).

Charaudeau (2008b, p. 67) representa o ato de comunicação como “Um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor)”. O linguista ainda propõe componentes para esse dispositivo, quais sejam: a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto.

A **situação de comunicação**, conforme o mesmo autor, consiste no enquadramento – físico e mental – no qual então inseridos os parceiros da troca comunicativa, os quais apresentam determinadas identidades psicológicas e sociais e estão atrelados a um contrato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2008b).

Os **modos de organização do discurso**, por sua vez, são definidos como “Os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, contar, argumentar”. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 68).

A **língua**, para Charaudeau (2008b), é o componente do dispositivo de comunicação responsável por fornecer o material verbo-linguístico, que apresenta, ao mesmo tempo, uma forma e um sentido.

Por fim, o **texto**, segundo o linguista:

Representa o resultado material do ato de comunicação e resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as categorias de língua e os modos de organização do discurso, em função das restrições impostas pela situação. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 68).

Dessa forma, Charaudeau (2008b) conclui que “comunicar” é um fenômeno que envolve maior complexidade do que uma simples transmissão de informação, como vem sendo propagado por alguns trabalhos especializados na área da comunicação. Mais do que isso:

‘Comunicar’ é proceder a uma encenação. Assim como, na encenação teatral, o diretor do teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir efeitos de sentido visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 68).

Assim, concretiza-se a possibilidade de categorizar os textos em *gêneros*, os quais não devem ser confundidos com modos de organização, já que, como salienta Charaudeau (2008b), um único gênero pode ser organizado discursivamente por diferentes modos (descritivo e narrativo, argumentativo e descritivo, etc.) e resultar do emprego de categorias de língua diversas, as quais podem ser encontradas em todos os tipos de texto e, por isso, não funcionam como um princípio de classificação ou de categorização textual.

Conforme mencionado em nota de rodapé incluída na seção introdutória deste trabalho, a definição charaudiana de modos de organização do discurso está muito próxima daquilo que Luiz Antônio Marcuschi (2008) chama de *tipo textual*. Para este renomado linguista textual brasileiro:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são **modos textuais**. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (MARCUSCHI, 2008, p. 152-153, Grifo nosso).

Note-se que Marcuschi (2008) chega a também utilizar o termo “modo” e, da mesma forma que Charaudeau (2008b), constrói um conceito que engloba finalidades comunicativas como a narração, a argumentação, a exposição e a descrição, contrapondo-as à noção de *gênero textual* – esta última sendo colocada em referência a “Textos materializados em situações comunicativas

recorrentes”, que “Apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos”. (MARCUSCHI, 2008, p. 153). Vale ressaltar que esta contraposição entre os dois conceitos – modo de organização (ou tipo) e gênero – é igualmente assumida no presente estudo, no qual se está considerando a narrativa (ou narração) como um **modo de organização discursivo**, ou uma tipologia/sequência textual, e a notícia de divulgação científica – objeto de estudo que delimita o *corpus* da pesquisa – como um **gênero textual-discursivo**⁶. Os modos de organização do discurso são definidos por Charaudeau (2008b, p. 74) como “Procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação” e podem ser agrupados em quatro: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Neste estudo, em particular, interessa-nos esclarecer alguns aspectos sobre o modo de organização narrativo, que, segundo o mesmo autor, possui a função principal de “Construir a sucessão de ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 75) e organiza-se de acordo com uma lógica narrativa, composta por actantes, processos e sequências, e com um processo de encenação narrativa.

Primeiramente, Charaudeau (2008b) defende a posição de que “narrar” ou “contar” vai muito além da simples descrição de uma sequência de fatos ou acontecimentos, como pregam muitos dicionários e enciclopédias. Nesse sentido, o autor salienta:

Para que haja narrativa, é necessário um ‘contador’ (que se poderá chamar de narrador, escritor, testemunha, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação do mundo) a alguém, um ‘destinatário’ (que se poderá chamar de leitor, ouvinte, espectador, etc.), e isso, de uma certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular a sua narrativa. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 153).

⁶ Em nota de rodapé, Marcuschi (2008, p. 152) assevera: “Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão ‘gênero textual’ ou a expressão ‘gênero discursivo’ ou ‘gênero do discurso’. Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico”. Compartilhando a posição de Marcuschi (2008) e, ao mesmo tempo, defendendo a inseparabilidade entre texto e discurso, opta-se, neste trabalho, pela nomenclatura *gênero textual-discursivo*.

Em outras palavras, pode-se dizer que a narrativa configura-se como o resultado da criação de um **contexto** para uma sequência de acontecimentos contados. Além disso, por ser uma atividade posterior à ocorrência, ou ao acontecimento, de uma realidade passada, o ato de contar/narrar, bem como seu produto – a narrativa –, são responsáveis pela criação de um **universo contado**, ou seja, um universo que se distancia e predomina sobre a realidade. (CHARAUDEAU, 2008b). O surgimento desse “universo contado” provoca, segundo Charaudeau (2008b), uma tensão entre a necessidade de fazer crer na verdade/autenticidade do narrado e o aspecto ficcional, que é primordial e inerente a qualquer narrativa. O linguista conclui, então, que “Na narrativa não se sente necessidade de reivindicar a *invenção*; o que se procura é reivindicar o *verdadeiro*” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 154), salientando ainda que tal tensão é resolvida por meio do emprego de estratégias que visam a “Efeitos discursivos de realidade e ficção” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 154).

Considerando, então, a narrativa (ou seja, o produto do narrar) como uma totalidade que engloba, ao mesmo tempo, um contexto (universo narrado) e uma descrição de ações e qualificações – ou seja, um modo de organização narrativo e um modo de organização descritivo –, Charaudeau (2008b, p. 157) delimita como função do modo narrativo levar “A descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo”, em contraponto à função do modo descritivo de fazer “Descobrir um mundo que se presume existir como um *estar-aí* que se apresenta como tal, de maneira imutável [...], que necessita apenas ser *reconhecido*, basta ser *mostrado*”. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 157).

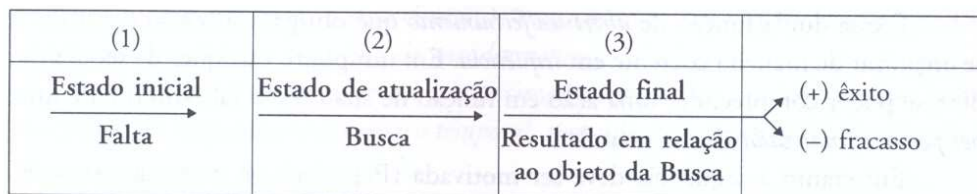
Assim, opostamente ao descritivo, que, de acordo com o autor, não ultrapassa a “superfície descritora”, não obedecendo a nenhum princípio de fechamento ou encadeamento, o narrativo organiza-se duplamente pela construção de uma sucessão de ações – uma **lógica narrativa**, responsável pela organização de uma trama – e pela realização de uma representação narrativa – ou **encenação narrativa** –, responsável pela criação do universo narrado. (CHARAUDEAU, 2008b).

Essa dupla articulação, segundo Charaudeau (2008b), apresenta-se como um instrumento de análise de textos narrativos. Logo, é importante

salientar que a organização da lógica narrativa está relacionada ao mundo referencial, enquanto a encenação narrativa está vinculada à construção do universo narrado. O linguista ainda chama a atenção para o fato de que os componentes e procedimentos, tanto da lógica quanto da encenação narrativa, devem ser “Considerados como um instrumento e não como um fim em si”. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 158).

Concebendo a lógica narrativa como uma sucessão de acontecimentos interligados, o linguista defende a ideia de que “A narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim”. (CHARAUDEAU, 2008b, p. 166). Desse modo, ele utiliza o esquema proposto por alguns semióticos, como C. Brémond, para afirmar que toda sequência narrativa organiza-se em uma *tríade de base*, a qual é composta de: I) um estado inicial, no qual um problema, ou uma falta, é instaurado; II) um estado de atualização, no qual uma busca pela solução do problema é empreendida; III) um estado final, em que o resultado da busca é apresentado, exprimindo êxito ou fracasso. Em termos gerais, a tríade pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 3 - Tríade de base



Fonte: Charaudeau (2008b, p. 168).

Para Charaudeau (2008b), portanto, o modo narrativo está para a construção de tramas organizadas segundo uma lógica baseada na tríade demonstrada, enquanto a simples descrição ou sucessão de ações e/ou eventos, não estruturada de acordo a tríade, fica a cargo do modo de organização descritivo.

Após apresentar características da organização narrativa no nível do **discurso**, partiremos, agora, para um breve estudo da narrativa sob a perspectiva da linguística do **texto**, baseando-nos nos postulados de Adam (2011), que complementam algumas das ideias defendidas por Charaudeau (2008b) e, da mesma forma, servem aos propósitos do presente trabalho.

Em um primeiro momento, Adam (2011, p. 224) defende a ideia de que:

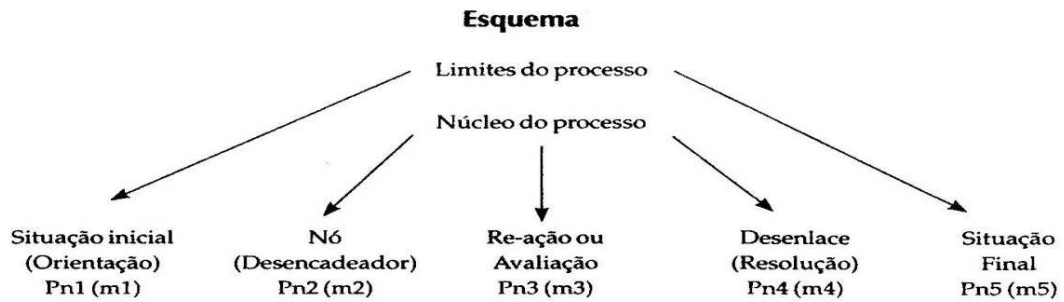
No sentido amplo, toda narrativa pode ser considerada como a exposição de ‘fatos’ reais ou imaginários, mas essa designação de ‘fatos’ abrange duas realidades distintas: eventos e ações. A ação se caracteriza pela presença de um agente – ator humano ou antropomórfico – que provoca ou tenta evitar uma mudança. O evento acontece sob o efeito de causas, sem intervenção intencional de um agente.

Tal definição aproxima-se, de certa forma, ao conceito de narrativa proposto por Charaudeau (2008b) mencionado anteriormente, segundo o qual a narrativa é uma totalidade que engloba um contexto, ou universo narrado, e uma descrição de ações e qualificações. Adam (2011, p. 224, Grifo nosso), entretanto, apoia-se nessa definição para ir mais além, afirmando que “As diferentes formas de construção da narrativa dependem de seu **grau de narrativização**”.

De acordo com este linguista, o grau de narrativização permite classificar as narrativas em, basicamente, dois subtipos (ou submodos) de organização distintos: em simples enumerações de ações e/ou eventos, as quais apresentam um **baixo grau de narrativização** (que convencionamos, aqui, chamar de **narrativa-relato**); ou em tramas complexas, que correspondem a um **alto grau de narrativização** (que optamos por denominar **narrativa-sequência**). Assim, diferentemente de Charaudeau (2008b), Adam (2011) não considera como narrativas apenas as organizações sequenciais, definidas pela construção de uma trama com algum tipo de perturbação, mas também os relatos lineares, que, apoiados na descrição, dão conta de uma sucessão cronológica de fatos (ações ou eventos) passados. Nesta dissertação, apoiamos a posição de Adam (2011), considerando ambos os submodos de organização narrativa – relato e sequência.

As tramas complexas mencionadas no último caso, segundo Adam (2011), são as que apresentam uma estrutura formada por cinco macroproposições narrativas de base (Pn) – situação inicial (Pn1), nó desencadeador (Pn2), re-ação ou avaliação (Pn3), desenlace/resolução (Pn4) e situação final (Pn5) –, que correspondem ao que o mesmo autor chama de “Cinco momentos (m) do aspecto” (ADAM, 2011, p. 224): antes do processo (m1), início do processo (m2), curso do processo (m3), fim do processo (m4) e, finalmente, depois do processo (m5). Na figura abaixo, as macroproposições aparecem em forma de esquema:

Figura 4 - A sequência narrativa e suas macroproposições



Fonte: Adam (2011, p. 225).

Adam (2011) ainda acrescenta que existem sequências textuais em que a narrativa pode ser facilmente subdividida nas cinco macroproposições mencionadas anteriormente; há outras, no entanto, em que essa subdivisão não é tão clara. No primeiro caso, diz-se que a sequência narrativa é **fortemente segmentada**; no segundo, **fracamente segmentada**. De qualquer forma, a sequência narrativa sempre será centrada na identificação de um núcleo (nó) e de um desenlace, que, de acordo com o autor, mantêm uma relação de simetria entre si.

A concepção de narrativa como sequência e o modelo de estruturação quinário da sequência narrativa vêm sendo corroborados por diversos estudiosos além de Jean-Michel Adam, e até mesmo anteriores a ele. Um exemplo é o sociolinguista William Labov, mencionado e referido pelo próprio Adam em palestra sobre a história do conceito de sequência narrativa, reportada e traduzida para o inglês sob o título *The narrative sequence: history of a concept and a research área* (A sequência narrativa: história de um conceito e uma área de pesquisa).

No âmbito de suas pesquisas voltadas à análise de narrativas sobre fortes temas ligados ao cotidiano (violência e risco de morte, por exemplo) produzidas por negros habitantes de uma comunidade economicamente desfavorecida de Nova Iorque, Labov (1972, p. 359-360) define a narrativa como:

Um método de recapitular experiências passadas, ligando uma sequência verbal de proposições à sequência de fatos que (presume-se) realmente aconteceram. [...] A narrativa, portanto, é apenas um modo de recapitular essas experiências passadas: as

proposições são caracteristicamente ordenadas em uma sequência temporal.⁷

A partir disso, o linguista propõe uma classificação de cinco partes da narrativa – as quais ele denomina “*narrative clauses*” –, ordenadas em uma sequência temporal: *abstract* (resumo), *orientation* (orientação), *complication* (complicação), *evaluation* (avaliação) e *result* (resultado). (LABOV, 1972, p. 363). Em algumas narrativas, segundo Labov, chega ainda a existir um sexto e último momento, a *coda*, que, sinalizando o fim da narrativa, exerce uma função de transição entre o tempo em que se situa a narrativa e o tempo presente, aquele no qual se insere o narrador no momento em que conta a história. Contudo, para o autor, a *coda* pode ser considerada uma “proposição livre” – *free clause* (LABOV, 1972, p. 365) –, já que não é obrigatória nem tampouco indispensável na configuração de uma sequência narrativa.

Em um panorama dos estudos linguísticos sobre a narrativa, Giering (1990, p. 67-68) elabora um detalhamento esclarecedor das cinco proposições narrativas (*narrative clauses*) estabelecidas por Labov (1972):

- o resumo, que sintetiza a história antes de passar à relação detalhada dos fatos;
- a orientação, composta de um conjunto de proposições livres que informam quanto às personagens, aos lugares, ao momento e à situação inicial;
- a complicação, que introduz uma ruptura no desenvolvimento ‘normal’ dos fatos;
- a avaliação, que revela a atitude do narrador frente à sua produção, acentuando certos aspectos mais que outros;
- a resolução, que marca o fim dos acontecimentos.

O próprio Labov (1972), ao final de sua preleção sobre a organização da sequência narrativa, esquematiza de forma bastante interessante as proposições narrativas, afirmando que a narrativa pode ser vista como uma série de respostas às seguintes perguntas:

⁷ [...] one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events which (it is inferred) actually occurred. [...] Narrative, then, is only one way of recapitulating this past experience: the clauses are characteristically ordered in temporal sequence. (LABOV, 1972, p. 359-360).

- a. Resumo: sobre o que é?
- b. Orientação: quem, quando, o que, onde?
- c. Complicação: então, o que aconteceu?
- d. Avaliação: e daí?
- e. Resultado: o que finalmente aconteceu?. (LABOV, 1972, p. 370).⁸

Portanto, percebe-se que, ainda que se baseie em uma nomenclatura diferente e que, em alguns momentos, a classificação não coincida, a estrutura narrativa proposta por Labov (1972) reflete-se na sequência estabelecida por Adam (2011) na medida em que está igualmente centrada em dois momentos fundamentais para toda narrativa: uma fase de complicação (ou “nó”, segundo Adam) e uma fase de resolução (para Adam, “desenlace”). A concepção de Adam da possibilidade de uma sequência narrativa ser fracamente ou fortemente segmentada também pode ser considerada, em parte, uma herança do pensamento de Labov, que define como “narrativa mínima” (*minimal narrative*) a sequência de pelo menos duas proposições cronologicamente ordenadas. (LABOV, 1972, p. 360).

A seção seguinte tratará sobre a Teoria da Estrutura Retórica – RST, desenvolvida por Mann e Thompson (1988), a partir da qual se estabelece o objetivo maior deste trabalho: verificar os efeitos sobre o leitor (intencionados pelo produtor textual) provocados pela utilização de segmentos narrativos como procedimentos discursivos configurados, textualmente, em diferentes graus de narrativização (sequência ou relato).

2.4 Teoria da Estrutura Retórica (RST)

Mann e Thompson (1988) desenvolveram a Teoria da Estrutura Retórica (do inglês, *Rethorical Structure Theory* – RST) para, inicialmente, dar conta de forma mais eficiente da geração automática de textos. Atualmente, contudo, essa teoria desempenha um papel bastante relevante para os estudos linguísticos, independentemente de sua aplicação computacional.

⁸ a. Abstract: what was this about?
 b. Orientation: who, when, what, where?
 c. Complicating action: then what happened?
 d. Evaluation: so what?
 e. Result: what finally happened?. (LABOV, 1972, p. 370).

Tendo esclarecido a origem computacional da teoria e sua relevante aplicabilidade à linguística, em especial à linguística textual, considera-se interessante e coerente, aqui, revelar a grande ponte de acesso por meio da qual o grupo de estudiosos do texto de que a autora deste trabalho faz parte tomou conhecimento da RST: o linguista textual espanhol Enrique Bernárdez.

Em obra intitulada *Teoría y epistemología del texto*, Bernárdez (1995) procura descobrir e comprovar se é possível construir um modelo que possa servir, ao mesmo tempo, para a análise do texto e da oração. Segundo o autor, “Trata-se de comprovar se o método estrutural de composição de unidades maiores a partir de unidades menores permite chegar ao texto sem que se produza uma *catástrofe*, uma *mudança qualitativa* radical”. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 74).⁹ Lançando mão de modelos variados, advindos da gramática e da psicologia cognitiva, o linguista chega à conclusão de que o processamento sintático – ou seja, a análise baseada na probabilidade de ocorrência de determinados termos em função das relações sintáticas que mantêm com os outros termos que os cercam – interrompe-se quando chega ao limite da oração, mostrando-se insuficiente para que não se tenha uma catástrofe na passagem da oração ao texto. A partir dessa constatação, Bernárdez (1995) elege o processamento retórico, por meio da RST, como uma possível solução ao desafio a que se propõe.

Nesse contexto, o autor define a RST como um modelo que:

Utiliza as relações que se estabelecem entre elementos de um texto, mantendo uma diferença radical com respeito ao procedimento seguido pela sintaxe, onde temos relações como ‘sujeito-verbo’, ‘modificador-núcleo’; no texto, estas relações são do tipo ‘resumo-núcleo’ ou ‘fundo-núcleo’. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 82).¹⁰

De acordo com Mann e Thompson (1988), autores fundadores da RST, o termo “estrutura” é utilizado em um sentido organizacional. Baseando-se no pressuposto de que uma teoria da estrutura do texto deve buscar descrever as

⁹ [...] se trata de comprobar si el método estructural de composición de unidades mayores partir de unidades menores permite llegar hasta el texto sin que se produzca una *catástrofe* [...], un *cambio cualitativo* radical. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 74).

¹⁰ [...] utiliza las relaciones que se establecen entre elementos de un texto, con lo que no hay una diferencia radical respecto al procedimiento seguido en sintaxis, donde tenemos relaciones como “sujeto-a-verbo”, “modificador-a-núcleo”; en el texto estas relaciones son del tipo “resumen-a-núcleo” o “fundo-a-núcleo”. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 82).

partes que o compõem e os princípios de combinação dessas partes, Mann et al. (1989) postulam que a RST é uma teoria da estrutura relacional, que procura analisar e descrever as relações que se estabelecem entre pares de porções do texto, regiões cujo tamanho pode variar desde pequenas orações até grupos inteiros de parágrafos.

Nesse sentido, a RST foi pensada partindo-se do princípio de que todo texto, para ser reconhecido como tal, deve possuir uma unidade lógica e coerente, dentro da qual cada parte constituinte exerce uma função e possui uma razão para existir, levando-se em conta os efeitos pretendidos pelo produtor textual. Além disso, há também o pressuposto de que essas partes estão em relação de hierarquia umas com as outras.

Segundo Mann e Thompson (1988), a RST tem como objetivo descrever essas relações que ocorrem entre determinadas partes do texto, tendo em vista que, dentro da unidade textual global, há blocos de informação entre os quais se estabelecem **relações de núcleo-satélite**. Para a RST, enquanto alguns desses blocos exercem papéis mais centrais no texto (núcleos), outros possuem funções mais periféricas (satélites), estando a serviço das unidades nucleares.

Pensando a respeito das relações entre núcleos (N) e satélites (S), Bernárdez (1995, p. 84) afirma:

A distinção entre N e S é de grande importância, porque permite supor que um texto está formado por dois níveis básicos de informação: o que contém o principal, a informação mais importante que o autor quer proporcionar, e o nível em que aparece a informação secundária, no sentido de que aparece para ajudar a compreensão, aceitação, etc., da informação principal.¹¹

As relações entre as unidades nucleares e satélites possuem natureza funcional, ou seja, são determinadas em termos das categorias de efeito que produzem, refletindo, conforme já mencionado, as opções de apresentação e organização do produtor do texto. Dessa forma, Mann et al. (1989, p. 8) afirmam que “É nesse sentido que uma estrutura RST é ‘retórica’”.

¹¹ La distinción entre N y S es de gran importancia, porque permite suponer que un texto está formado por dos niveles básicos de información: el que contiene lo principal, la información más importante que quiere proporcionar el autor, y el nivel en el que aparece la información secundaria, en el sentido de que aparece para ayudar a la comprensión, aceptación, etc., de la información principal. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 84).

Em outras palavras, quando se fala, a partir da RST, em função retórica das unidades informacionais de um texto, faz-se referência às tomadas de decisão do produtor textual de configurar seu texto de modo a produzir variados efeitos sobre o leitor, como, por exemplo, a motivação para leitura e a identificação de relações de causa-consequência ou de problema-solução entre segmentos textuais. Dessa forma, de acordo com Giering (2008, p. 244), “A análise permitida pelo modelo da RST atribui, assim, um papel e uma intenção a cada unidade de informação do texto”.

Para Bernárdez (1995, p. 85):

O conjunto textual analisado com a RST pode ser facilmente interpretado como conjunto de processos. Minha proposta consiste em supor que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias ou opções de continuidade, etiquetadas aqui com as relações apresentadas pela RST.¹²

A partir dessa compreensão da organização textual como uma série de vias ou opções de continuidade – cuja categorização ele sugere que seja feita com base nas relações propostas pela RST –, o linguista concebe três diferentes vias segundo as quais se pode pensar probabilisticamente a relação entre uma unidade e a possível unidade que segue: i) Apresentativa, na qual a continuidade do texto está atrelada à necessidade de oferecer ao leitor uma informação que facilite ou assegure a compreensão da unidade antecedente ou, até mesmo, a aceitação daquilo que foi anteriormente enunciado pelo produtor; ii) Hipotática, em que se espera que o texto continue por meio de um detalhamento, desenvolvimento ou de uma reelaboração do conteúdo da unidade inicial; iii) Paratática, por meio da qual opta-se por continuar o texto oferecendo-se informações novas ao leitor, abrindo-se mão do desenvolvimento do conteúdo da unidade antecedente.

Assim como Bernárdez (1995), em nosso grupo de pesquisa, procuramos analisar o texto como uma macroestrutura organizada por uma cadeia de unidades menores, relacionadas umas às outras por determinadas vias ou

¹² El conjunto textual analizado con RST puede interpretarse fácilmente como conjunto de procesos, y en consecuencia es posible utilizar el formalismo de las RTAs. El intento que voy a proponer a continuación consiste en suponer que la organización textual puede entenderse como una serie de vías u opciones de continuidad, etiquetadas aquí con las relaciones presentadas por la RST. (BERNÁRDEZ, 1995, p. 85).

opções de continuidade, de modo a compor um todo lógico e coerente. E, seguindo os passos desse linguista, também julgamos relevante adotar a RST como um modelo bastante útil para a análise dessas relações que se estabelecem entre as várias porções de um texto, bem como para a compreensão da passagem da microestrutura à macroestrutura textual.

As vias Apresentativa, Hipotática e Paratática, conforme propostas por Bernárdez (1995), são correspondentes às categorias Apresentação, Conteúdo e Multinuclear, consecutivamente, presentes na RST.

Segundo a Teoria, a categoria **Apresentação** engloba, como o próprio nome sugere, relações de apresentação entre núcleo e satélite, incluindo as relações de *Antítese, Capacitação, Concessão, Evidência, Fundo, Justificativa, Motivação, Preparação, Reformulação* e *Resumo*. A categoria **Conteúdo**, por sua vez, abrange as relações de *Alternativa, Avaliação, Causalidade, Circunstância, Comentário, Condição, Elaboração, Interpretação, Método, Propósito* e *Solução*. Por fim, a categoria **Multinuclear** diz respeito às relações entre dois ou mais núcleos, sendo elas: *Contraste, Sequência, Reformulação Multinuclear, União* e *Lista*. Uma lista completa dessas relações e de suas definições encontra-se entre os anexos deste trabalho (Anexo A).¹³ A título de exemplificação, no entanto, opta-se por reproduzir, neste espaço, a definição de uma das relações propostas pela teoria (a saber, a relação de *Elaboração*), que inclui uma descrição das unidades nuclear e satélite, bem como das condições da combinação núcleo-satélite e do efeito intencionado sobre o leitor:

¹³ A taxonomia das relações RST, conforme seus autores, não consiste em uma lista fechada, restrita. Outros autores, como Carlson e Marcu (2001), propuseram relações que não estão incluídas na lista organizada por Mann e Thompson (1988). A lista de relações utilizada neste trabalho (disponibilizada no Anexo A) foi organizada durante a execução do projeto Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica (ORTDC), coordenado pela Prof^a. Dra. Maria Eduarda Giering, e reúne relações propostas por diversos autores.

Quadro 1 - Definição da relação de Elaboração

<p>ELABORAÇÃO</p> <p>Núcleo (N): informação básica.</p> <p>Satélite (S): informação adicional.</p> <p>Condições em N: nenhuma.</p> <p>Condições em S: nenhuma.</p> <p>Condições na combinação N+S: S apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do conteúdo que é apresentado em N ou inferencialmente acessível em N, de um ou mais dos modos listados abaixo. Na lista, se N apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o S inclui o segundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conjunto - membro • Abstrato - exemplo • Todo - parte • Processo - etapa • Objeto - atributo • Generalização - especificação <p>Efeito: O leitor (L) reconhece a situação apresentada em S como fornecendo detalhes adicionais para N. L identifica o elemento para o qual os detalhes são fornecidos.</p>
--

Fonte: Projeto Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica – ORTDC (2006).

Taboada e Habel (2012, p. 2) sugerem que a noção de coerência, base da RST, está amplamente relacionada à noção de gênero: “Textos e discursos são resultado do contexto no qual são produzidos e processados, e os fins específicos de um gênero têm efeito sobre sua estrutura e composição léxico-gramatical”.¹⁴ Uma hipótese que aqui se faz, portanto, é a de que os gêneros textuais interferem na organização retórica do texto.

Outro princípio no qual a teoria se baseia é o da **plausibilidade**: durante a análise de um texto no modelo RST, as relações que se estabelecem entre as partes são determinadas com base no julgamento particular do analista, e não em termos de realidade factual. Em outras palavras, conforme salientam Mann et al. (1989, p. 15):

Uma vez que o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto no qual o texto foi escrito e compartilha convenções culturais com o produtor e os possíveis leitores, mas não possui

¹⁴ [...] texts and discourses are a result of the context in which they are produced and processed, and that the specific goals of a genre have an effect on that genre’s structure and lexicogrammatical realizations. (TABOADA; HABEL, 2012, p. 2).

acesso direto ao produtor nem aos leitores, os julgamentos acerca do produtor ou dos leitores devem ser julgamentos de plausibilidade ao invés de julgamentos de certeza.¹⁵

Outro aspecto relevante a ser salientado está na definição do que pode ser considerado como uma unidade informacional que, dentro da estrutura global do texto, mantém relações retóricas com outras unidades. Nesse sentido, Taboada e Habel (2012, p. 4) afirmam que “Na Teoria da Estrutura Retórica (RST), textos são entendidos como totalidades coerentes, constituídas de partes que estabelecem relações retóricas entre si. As partes são geralmente frases ou partes de frases”.¹⁶ Relativamente às possibilidades de segmentação de textos para a análise nos moldes da RST, Mann e Thompson (1988) afirmam que os textos podem ser divididos em unidades ainda maiores que as frases, de acordo com os objetivos do(s) analista(s). Salientando, também, as variadas opções de segmentação textual que se oferecem ao analista, Bernárdez (1995) aponta orações, cláusulas e proposições semânticas como diferentes alternativas para a divisão do texto, sempre tendo em vista os objetivos pretendidos pela análise.

Para atender aos propósitos específicos deste trabalho, opta-se por segmentar os textos em **unidades macroproposicionais**. A ideia de macroproposição pode ser melhor compreendida por meio dos postulados de Bernárdez (1989), que afirma, com base na concepção do processo de formação do texto como ação, que o produtor textual “faz algo” com o intuito de que o leitor/ouvinte “creia” em algo, “faça” algo, etc. Para conseguir esse objetivo, deve eleger, entre numerosas possibilidades que se lhe oferecem, as formas de “macroestruturar” seu texto, de organizá-lo ou de compô-lo. Essa eleição, segundo Bernárdez (1989), se dará de acordo com o que ele pensa ser mais adequado para alcançar seu objetivo (por exemplo, que o leitor creia no que ele, produtor, afirma). Para isso, o produtor tem, à sua disposição, um conjunto de estratégias textuais que lhe servem para estruturar o texto da forma que lhe parece a mais adequada. O produtor cria (macro)estruturas, diz Bernárdez

¹⁵ Since the analyst has access to the text, has knowledge of the context in which it was written, and shares the cultural conventions of the writer and the expected readers, but has no direct access to either the writer or the readers, judgments about the writes or readers must be plausibility judgments rather than judgments of certainty. (MANN et al., 1989, p. 15).

¹⁶ In Rhetorical Structure Theory (RST), texts are understood as coherent wholes, made up of parts that stand in rhetorical relations to each other. The parts are typically clauses or sentences. (TABOADA; HABEL, 2012, p. 4).

(1989), aplicação que não se dá “mecanicamente”, como é o caso das regras da gramática oracional. Longe de serem classificadas como orações, as unidades macroproposicionais são, portanto, blocos de informação caracterizados por uma unidade semântica, os quais podem apresentar-se como um ou, até mesmo, mais de um parágrafo do texto.

Findando o capítulo destinado ao arcabouço teórico que fundamenta este trabalho, passamos, agora, à descrição dos procedimentos metodológicos que subsidiaram as análises dos *corpora* – infantil (notícias de DC publicadas na revista *Ciência Hoje das Crianças*) e adulto (textos veiculados na revista *Ciência Hoje*).

3 METODOLOGIA

Como foi dito no capítulo introdutório, este trabalho tem como objetivo, em linhas gerais, investigar as relações retóricas (de acordo com a RST) emergentes da inserção¹⁷ de segmentos organizados narrativamente em notícias de DC voltadas aos públicos infantil e adulto, visando a determinar os efeitos discursivos decorrentes do uso do modo de organização narrativo; em termos mais específicos, pretende-se, também, verificar a recorrência, ou não, do surgimento de determinadas relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais porções dos textos, bem como estabelecer uma comparação dessa recorrência entre os textos direcionados a crianças e os voltados a adultos.

Também conforme mencionado na introdução, o trabalho aqui relatado consiste em um aprofundamento do estudo realizado em meu trabalho de conclusão de curso, logo, os textos selecionados para análise formam um recorte do *corpus* do TCC. A opção pelo gênero notícia de divulgação científica deve-se ao fato, constatado também durante o desenvolvimento da pesquisa do TCC, de o maior número de segmentos narrativos encontrados estar presente em textos pertencentes a esse gênero.

A escolha do gênero notícia de divulgação científica conta com a seleção de 15 textos voltados ao público infantil, publicados na revista *Ciência Hoje das Crianças*, entre dezembro de 2004 e setembro de 2010 (*corpus* infantil), e de 15 artigos direcionados a uma audiência adulta, veiculados na revista *Ciência Hoje*, entre agosto de 2005 e julho de 2012 (*corpus* adulto).

As revistas *Ciência Hoje* (CH) e *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) são criações do projeto Instituto Ciência Hoje (ICH), uma organização social sem fins lucrativos que surgiu na década de 1980 e tem se revelado um dos maiores exemplos de atividade de divulgação científica midiática no Brasil. A revista *Ciência Hoje* foi a primeira publicação lançada pelo ICH, criada em 1982. A *Ciência Hoje das Crianças*, por sua vez, foi a primeira revista de divulgação científica brasileira direcionada exclusivamente ao público infanto-juvenil, lançada em 1986. Ambas as revistas possuem publicações mensais e estão

¹⁷ É importante esclarecer que os textos analisados neste trabalho não são organizados narrativamente na íntegra, mas apenas em alguns segmentos. É nesse sentido que se fala em “inserção de segmentos narrativos nos textos”.

vinculadas à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A escolha de *corpora* constituídos de notícias veiculadas nessas duas revistas justifica-se, portanto, pelo prestígio e credibilidade associados a essas publicações, as quais contam com o trabalho de cientistas, especializados nas mais diversas áreas do conhecimento, na produção de seus textos.

Os resultados a serem apresentados e discutidos neste trabalho são provenientes de uma análise sequenciada em diferentes etapas, quais sejam: i) quantificação do total de segmentos organizados narrativamente constituintes dos textos pertencentes aos dois *corpora* (infantil e adulto); ii) após análise da estrutura retórica de cada texto (de acordo com a RST), verificação das relações retóricas emergentes entre cada segmento narrativo encontrado nos *corpora* e as unidades informacionais que os precedem ou sucedem nos textos; iii) determinação do número de ocorrências de cada relação retórica encontrada como emergente da inserção de segmentos narrativos nos textos; iv) quantificação das ocorrências de segmentos narrativos dentro dos critérios estabelecidos no TCC – grau de narrativização, função discursiva e correspondência às restrições de seriedade e de emocionalidade do contrato de comunicação midiático –, e, principalmente, associação desses critérios com as relações retóricas emergentes da inserção dos segmentos narrativos nos textos; v) seleção e análise qualitativa de alguns textos dos *corpora* para ilustrar e exemplificar a emergência de cada uma das relações retóricas encontradas entre os segmentos narrativos e as demais porções textuais; vi) comparação entre os resultados quantitativos – referentes, principalmente, à recorrência de determinadas relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais unidades informacionais dos textos – provenientes das análises dos dois *corpora*, infantil e adulto.

Para fins de apresentação e discussão, nesta dissertação, dos resultados da pesquisa aqui relatada, opta-se por estruturar o próximo capítulo, reservado às análises, da seguinte forma:

- a) apresentação dos resultados referentes à **análise quantitativa** das notícias de DC dirigidas ao **público infantil**, por meio da indicação do número de segmentos narrativos encontrados em meio aos 15 textos, bem como da ocorrência (e recorrência) de determinadas relações

retóricas entre esses segmentos narrativos e as demais partes dos textos e da associação das relações retóricas encontradas às categorias analisadas no TCC (grau de narrativização, função discursiva e correspondência às finalidades do contrato de comunicação midiático);

- b) reprodução e **análise qualitativa** de alguns textos, pertencentes ao **corpus infantil**, que ilustrem/exemplifiquem a emergência de cada uma das relações retóricas encontradas entre os segmentos narrativos e as demais porções textuais;
- c) apresentação dos resultados referentes à **análise quantitativa** das notícias de DC dirigidas ao **público adulto**, por meio da indicação do número de segmentos narrativos encontrados em meio aos 15 textos, bem como da ocorrência (e recorrência) de determinadas relações retóricas entre esses segmentos narrativos e as demais partes dos textos e da associação das relações retóricas encontradas às categorias analisadas no TCC (grau de narrativização, função discursiva e correspondência às finalidades do contrato de comunicação midiático);
- d) reprodução e **análise qualitativa** de alguns textos, pertencentes ao **corpus adulto**, que ilustrem/exemplifiquem a emergência de cada uma das relações retóricas encontradas entre os segmentos narrativos e as demais porções textuais;
- e) **comparação** entre os resultados quantitativos – referentes, principalmente, à recorrência de determinadas relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais unidades informacionais dos textos – provenientes das análises **dos dois corpora**, infantil e adulto.

Para que o leitor tenha acesso aos *corpora* desta pesquisa na íntegra, disponibilizam-se todos os 30 textos, acompanhados das análises de suas estruturas retóricas, em mídia digital (CD-ROM) anexa a este trabalho (ANEXO B).

4 ANÁLISE DOS CORPORA

Neste capítulo, procederemos à análise quantitativa dos *corpora*, bem como à análise qualitativa de alguns textos selecionados para fins ilustrativos. Concluiremos o capítulo com uma análise comparativa entre os resultados obtidos por meio do estudo dos dois *corpora* – infantil (doravante *Corpus 1*) e adulto (doravante *Corpus 2*).

4.1 Análise Quantitativa do *Corpus* Infantil (*Corpus 1*)

Conforme descrito na seção destinada aos procedimentos metodológicos da pesquisa, os textos que compõem o *corpus* direcionado ao público infantil consistem em 15 notícias de divulgação científica midiática, publicadas na revista *Ciência Hoje das Crianças*, no período entre dezembro de 2004 e setembro de 2012. A maioria das notícias (14 de 15) foi acessada no acervo *on-line* da revista, que, até a época de coleta do *corpus*, disponibilizava aos leitores textos de variados gêneros, na íntegra¹⁸. Apenas uma foi retirada da revista impressa, por meio de digitalização e conversão em arquivo-texto. Todos os textos pertencentes ao *Corpus 1* desta pesquisa, bem como as análises de suas estruturas retóricas, fazem parte dos acervos dos projetos *Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica* (ORTDC), *Divulgação Científica: Estratégias Retóricas e Organização Textual* (DCEROT) e *Características linguístico-discursivas de artigos de divulgação científica midiática para crianças*, todos coordenados pela Professora Dra. Maria Eduarda Giering entre os anos de 2007 e 2012, e dos quais participei como bolsista de iniciação científica.

Entre as 15 notícias de DC componentes do *Corpus 1*, contabiliza-se um total de 18 segmentos organizados narrativamente, o que indicia o fato de que, em certos casos, há mais de uma ocorrência de segmentos narrativos em um único texto.

Após a análise da estrutura retórica dos 15 textos constituintes do *Corpus 1*, de acordo com a Teoria de Estrutura Retórica (RST), constata-se a emergência de 4 tipos de relações retóricas entre os segmentos narrativos e as

¹⁸ Atualmente, a CHC disponibiliza apenas fragmentos de seus textos, como estratégia para incentivar os leitores a adquirirem a revista impressa nas bancas.

demais porções textuais que os precedem ou sucedem, sendo elas: relação de **Circunstância**, relação de **Elaboração**, relação de **Fundo** e relação de **Solução**¹⁹. Verifica-se, ainda, que os segmentos narrativos figuram como unidades satélites nas quatro relações encontradas.

Especificando-se a quantidade de segmentos narrativos de cuja inserção nos textos emergem cada uma das relações retóricas encontradas, observa-se, entre os 18 segmentos encontrados, a ocorrência de: 1 segmento em cada uma das relações de Circunstância, Fundo e Solução, e 15 segmentos na relação de Elaboração.

Os resultados quantitativos até agora apresentados podem ser visualizados objetivamente no seguinte quadro:

Quadro 2 - Relação entre o número de relações retóricas encontradas e o número de segmentos narrativos (*Corpus 1*)

RELAÇÕES RETÓRICAS ENCONTRADAS	NÚMERO DE SEGMENTOS NARRATIVOS
Circunstância	01
Elaboração	15
Fundo	01
Solução	01
TOTAL: 4 relações retóricas emergentes / 18 segmentos narrativos	

Fonte: Elaborado pela autora.

Estabelecendo-se, quantitativamente, uma associação entre as relações retóricas encontradas como emergentes entre os segmentos narrativos e as demais partes dos textos e as categorias analisadas no TCC – grau de narrativização (ADAM, 2011), função discursiva e correspondência às restrições de seriedade e emocionalidade do contrato de comunicação midiático (CHARAUDEAU, 2008a) – verificam-se os seguintes números:

- a) *relação retórica X grau de narrativização*: o único segmento narrativo de cuja inserção no texto emerge a relação de **Circunstância** está organizado em um alto grau de narrativização (ou seja, nos moldes da sequência narrativa proposta por Adam (2011): situação inicial, nó, ações/reações, desenlace e situação final); todos os 15 segmentos de

¹⁹ As relações retóricas mencionadas ao longo das análises estão todas completamente descritas em uma lista disponível no Anexo B deste trabalho.

cuja inserção nos textos emerge a relação de **Elaboração** possuem um baixo grau de narrativização (configuram-se como um relato – uma simples enumeração de eventos –, e não como uma sequência); o único segmento narrativo que se encontra em uma relação de **Solução** com outra parte do texto possui um alto grau de narrativização (narrativa-sequência); o segmento narrativo que está em uma relação de **Fundo** com outra porção do texto no qual se insere apresenta um baixo grau de narrativização (narrativa-relato);

- b) *relação retórica X função discursiva*: o único segmento narrativo de cuja inserção no texto emerge a relação de **Circunstância** desempenha discursivamente a função de ativação de memória (a narrativa é utilizada com o intuito de ativar uma possível bagagem de conhecimento prévio que o leitor tenha sobre o assunto a ser tratado pelo texto, com vistas, igualmente, a facilitar a compreensão sobre o mesmo); entre os 15 segmentos dos quais emerge a relação de **Elaboração**, 12 possuem a função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos (o produtor se vale da narrativa para descrever a metodologia empregada em alguma pesquisa científica, a qual o texto se propõe a noticiar); o único segmento narrativo que se encontra em uma relação de **Solução** com outra parte do texto apresenta uma função discursiva de ativação de memória; o segmento narrativo que está em uma relação de **Fundo** com outra porção do texto no qual se insere desempenha discursivamente a função de relato histórico (por meio da organização narrativa, o produtor busca relatar um acontecimento histórico que, ele infere, seja desconhecido pelo leitor, entendendo que o conhecimento a respeito de tal acontecimento é importante, ou necessário, para a contextualização e, conseqüentemente, para a compreensão do tema de que trata o texto);
- c) *relação retórica X restrições midiáticas*: o único segmento narrativo de cuja inserção no texto emerge a relação de **Circunstância** atende à restrição de emocionalidade da mídia (a narrativa funciona como uma estratégia para tocar o lado afetivo do leitor, despertando-lhe sensações e aproximando-o ainda mais do “microuniverso” criado

pelo texto); todos os 15 segmentos dos quais emerge a relação de **Elaboração** estão em correspondência à restrição midiática de seriedade (o produtor do texto, assumindo-se como um mediador entre o conhecimento científico e a compreensão do público leigo, busca divulgar os temas da ciência de modo acessível, mas ao mesmo tempo fiel – ou pelo menos verossímil – aos conceitos científicos aí envolvidos e utiliza a organização narrativa para realizar contextualizações históricas ou descrições metodológicas das informações e pesquisas que divulga); o único segmento narrativo que se encontra em uma relação de **Solução** com outra parte do texto atende à restrição de emocionalidade do contrato de comunicação midiático; o segmento narrativo que está em uma relação de **Fundo** com outra porção do texto no qual se insere serve à restrição midiática de seriedade.

As análises e resultados acima descritos encontram-se representados de modo mais objetivo no quadro a seguir:

Quadro 3 - Resultados quantitativos: corpus infantil (*Corpus1*)

Categorias TCC	Subcategorias TCC	Relações retóricas emergentes da inserção de segmentos narrativos nas notícias de DC			
		<i>Circunstância</i> 01 segmento narrativo (seg. *)	<i>Elaboração</i> 15 segmentos narrativos (seg. *)	<i>Solução</i> 01 segmento narrativo (seg. *)	<i>Fundo</i> 01 segmento narrativo (seg. *)
Grau de narrativização	Alto	01 seg.	-	01 seg.	-
	Baixo	-	15 seg.	-	01 seg.
Função discursiva	Relato histórico	-	03 seg.	-	01 seg.
	Descrição de procedimentos metodológicos	-	12 seg.	-	-
	Ativação de memórias prévias do leitor	01 seg.	-	01 seg.	-
Restrição midiática	Seriedade	-	15 seg.	-	01 seg.
	Emocionalidade	01 seg.	-	01 seg.	-

*(seg.) = segmento narrativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Para fins ilustrativos, a seguir, serão analisadas qualitativamente quatro notícias constituintes do *Corpus1*, exemplificando cada uma das relações retóricas encontradas como emergentes entre os segmentos narrativos e as demais porções dos textos.

4.1.1 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Circunstância

O texto selecionado para exemplificar a emergência da relação retórica de Circunstância da inserção de um segmento narrativo em sua organização intitula-se *Descoberta de Gente Grande* e foi publicado na *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) *on-line*, em 02/12/04. A notícia foi escrita por Catarina Chagas para divulgar a descoberta, realizada por crianças habitantes da Ilha de Marajó (PA), de pedaços de urnas funerárias indígenas, existentes há muitos séculos, nas margens do Rio Araramã. O público-alvo do texto de Chagas é formado pelos leitores da CHC, crianças e jovens na faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Eis, abaixo, o texto na íntegra²⁰:

(01) Descoberta de gente grande!

(02) Crianças encontram pedaços de urnas funerárias indígenas de muitos séculos atrás.

(03) Imagine a cena: você está brincando com seus amigos em um rio, quando encontra alguns pedaços de cerâmica com desenhos indígenas.

(04) Como eles parecem meio velhos e desgastados para você dar de presente à sua mãe, a melhor opção, à primeira vista, é devolvê-los ao lugar de onde vieram.

(05) Você faz isso várias e várias vezes e já está até ficando intrigado com as descobertas.

(06) Resolve, então, levar os pedacinhos para a escola.

(07) Desconfiado, o diretor pede para que você comece a guardar tudo o que pegar nos rios.

(08) Pouco tempo depois, um geólogo (profissional que estuda a origem e constituição da Terra) passa por lá e descobre que os pequenos pedaços faziam parte de urnas mortuárias – usadas

²⁰ Em nosso grupo de pesquisa, convenciamos segmentar os textos dos *corpora* de nossas pesquisas por meio da numeração das frases (em sua maioria, períodos sintáticos) que os compõem, de modo a facilitar a menção de determinados fragmentos durante as análises. É fundamental esclarecer, no entanto, que a frase **não** é o critério de segmentação adotado, neste trabalho, para as análises da estrutura retórica (conforme a RST) dos textos, ainda que a numeração seja utilizada para indicar os blocos de frases que consistem nas unidades informacionais (núcleos e satélites) entre as quais emergem as relações retóricas (p. ex.: “Núcleo da relação de Elaboração: intervalo entre as frases 3 e 5”).

para enterrar os mortos – produzidas por índios de centenas de anos atrás!

(09) Parece um filme ou história em quadrinhos?

(10) Mas é verdade!

(11) Aconteceu com alguns meninos da ilha de Marajó, no Pará, que costumavam brincar às margens do rio Araramã.

(12) 'Essa é uma realidade bastante comum na Amazônia', conta a arqueóloga Denise Schaan, do Museu Emílio Goeldi, em Belém (arqueólogos são profissionais que estudam as sociedades do passado por meio dos vestígios que elas deixaram).

(13) 'Essa região já era habitada por nações indígenas vários milênios antes da chegada dos europeus e essas civilizações deixaram seus traços na forma de fragmentos de cerâmica'.

(14) A pesquisadora explica que, tanto hoje como no passado, as populações que moravam na beira dos rios procuravam os lugares mais elevados para construir suas casas.

(15) Como o movimento freqüente das águas nesses locais aumenta a erosão do terreno, vai deixando à mostra o material arqueológico e faz com que crianças e adultos possam coletá-lo facilmente.

(16) É só procurar um pouquinho!

(17) Os estudos sobre a cerâmica recentemente encontrada pelas crianças de Marajó ainda não foram concluídos, mas os pesquisadores acreditam que o material pertence ao período marajoara, que vai do século 8 ao 13, aproximadamente.

(18) Essa cultura é famosa por sua cerâmica, considerada uma das mais bonitas e elaboradas das Américas.

(19) O povo marajoara costumava enterrar seus mortos em diferentes tipos de urnas que variavam de acordo com sua posição na sociedade.

(20) Assim, as pessoas consideradas importantes, como os governantes, eram colocadas em urnas mais trabalhadas.

(21) Algumas tinham formas parecidas com as do homem, outras foram decoradas com desenhos de labirintos e assim vai.

(22) 'Enterrar os mortos em urnas funerárias era um costume bastante comum entre as populações pré-históricas', conta Denise.

(23) 'Eles praticavam um enterramento secundário, ou seja, um enterro apenas dos ossos'.

(24) A professora explica que vários rituais eram feitos para limpá-los e organizá-los.

(25) E por que todo esse cuidado?

(26) Ora, porque eles acreditavam que a alma das pessoas estava contida em seus ossos!

(27) Além dos ossos, as urnas podiam conter objetos pessoais do morto ou oferendas.

(28) Muitas vezes, eram enterradas também outras vasilhas, contendo alimentos para que o morto se alimentasse durante sua viagem ao além.

(29) Todo esse material, encontrado pelos arqueólogos, recebe o nome de 'mobiliário mortuário'.

(30) O material coletado na ilha do Marajó pelas crianças e pelos pesquisadores fica guardado no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde os arqueólogos trabalham para descobrir mais sobre as sociedades que viviam por lá há centenas de anos.

(31) O acervo não pára de crescer!
(32) Quantos tesouros mais devem estar escondidos nos rios amazônicos?
Catarina Chagas
Ciência Hoje das Crianças
02/12/04
(CHAGAS, 2004, Grifo nosso).

Considerando-se o fato de o texto estar inserido em um contrato de comunicação midiático, é possível perceber a dupla tensão entre as visadas de informação (fazer-saber) e de captação (fazer-sentir). (CHARAUDEAU, 2009). A visada de informação concretiza-se no objetivo da produtora textual de divulgar uma pesquisa/descoberta científica a um público que ela presume desconhecer; dessa forma, a primeira finalidade desse contrato de comunicação consiste, conforme já mencionado, na divulgação da descoberta, por crianças que moram na Ilha de Marajó (PA), de pedaços de urnas funerárias indígenas datadas de muitos séculos atrás. Por outro lado, no campo do fazer-sentir, ou seja, da visada de captação, verifica-se a intenção da produtora de captar a atenção do público-alvo para a informação científica divulgada na mídia, valendo-se de estratégias linguístico-discursivas específicas para disseminar, de maneira compreensível e interessante, o tema da ciência ao público infanto-juvenil. Como exemplo de tais estratégias, temos a inserção de uma breve narrativa, que ocupa os dois primeiros parágrafos do texto (s. 3 a 11), na qual o leitor é convidado a usar sua imaginação e colocar-se como protagonista da descoberta que está sendo divulgada no texto, assumindo, assim, o papel das crianças da Ilha de Marajó sobre quem o texto fala. Sem sombra de dúvidas, esta estratégia é fundamental para que se estabeleça uma aproximação entre leitor e texto (e, conseqüentemente, entre leitor e ciência), à medida que insere a criança, desde o início, no microuniverso textual, instigando sua curiosidade e incentivando-a a continuar a leitura.

Observando-se, de acordo com os postulados de Mann e Thompson (1988) sobre a RST, a organização retórica macroestrutural dessa notícia, é possível perceber a presença de, pelo menos, cinco relações plausíveis que emergem entre macroproposições nucleares e satélites que constituem o texto: Preparação, Resumo, Circunstância, Elaboração e Comentário. A descrição da análise da estrutura retórica, considerando-se as relações propostas pela RST,

da notícia *Descoberta de gente grande* pode ser melhor visualizada por meio do seguinte quadro:

Quadro 4 - Análise da estrutura retórica do texto *Descoberta de gente grande*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
2 a 32	1	Preparação	O título (satélite) prepara, orienta e desperta o interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
2	3 a 32	Resumo	A unidade nuclear, representada pelo <i>lead</i> da notícia, (Crianças encontram pedaços de urnas funerárias indígenas de muitos séculos atrás) funciona como uma reformulação reduzida, ou seja, um resumo das informações presentes no satélite (corpo do texto).
11	3 a 10	Circunstância	A situação apresentada no satélite (narrativa que coloca o leitor como protagonista da descoberta noticiada no texto e o faz imaginar em que circunstâncias a descoberta ocorreu) fornece o quadro para a interpretação da informação apresentada no núcleo (Aconteceu com alguns meninos da Ilha de Marajó, no Pará, que costumavam brincar às margens do rio Araramã.).
11	12 a 29	Elaboração	A informação apresentada no núcleo (a descoberta aconteceu com crianças da Ilha de Marajó, que brincavam às margens do Rio Araramã) é detalhada no satélite (informações sobre a origem dos pedaços de urnas funerárias, o andamento dos estudos sobre a cerâmica e o costume dos índios marajoara de enterrarem seus mortos em diferentes tipos de urnas).
1 a 29	30 a 32	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (acréscimo de informações sobre a atual localização do material coletado na Ilha de Marajós, bem como sobre o potencial crescimento do acervo, além de uma pergunta que convida o leitor a uma reflexão sobre quantos outros tesouros ainda podem estar escondidos nos rios amazônicos).

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual reproduz a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Descoberta de gente grande*, a relação retórica de Circunstância emerge entre uma unidade nuclear representada pela sentença 11 do texto, na qual se apresenta a informação de que a descoberta de pedaços de urnas funerárias indígenas aconteceu como meninos da Ilha de

Marajó, e uma unidade satélite constituída pelo intervalo entre as sentenças 3 e 10, que, incentivando o leitor a um exercício de imaginação, fornece as condições em que a descoberta noticiada no texto ocorreu. Percebe-se, facilmente, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças 3 e 8, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, fazem parte do satélite da relação de Circunstância.

Segundo a lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Circunstância diz respeito ao reconhecimento da situação apresentada no satélite como um quadro para a interpretação do núcleo, ou seja, como um conjunto de condições/ circunstâncias dentro do qual o leitor deve compreender a informação nuclear. Desse modo, pode-se afirmar que, almejando tal efeito sobre o leitor (o que de que a criança compreenda ou, até mesmo, visualize mentalmente as condições em que se deu a descoberta das urnas por outras crianças), a produtora do texto lança mão da organização narrativa de uma forma que faz com que o leitor se coloque como protagonista do achado científico e imagine em que circunstâncias ele aconteceu.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 3 e 8 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um alto grau de narrativização (sequência narrativa) e de uma função discursiva de ativação de memória do leitor, bem como a correspondência à restrição de emocionalidade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de alto grau, ou uma sequência narrativa, pelo fato de que as cinco macroproposições de base postuladas por Adam (2011) são perfeitamente visíveis, seguindo uma escala hierárquica:

- a) *situação inicial*: (03) Imagine a cena: você está brincando com seus amigos em um rio, quando encontra alguns pedaços de cerâmica com desenhos indígenas. (04) Como eles parecem meio velhos e desgastados para você dar de presente à sua mãe, a melhor opção, à primeira vista, é devolvê-los ao lugar de onde vieram;

- b) *nó*: (05) Você faz isso várias e várias vezes e já está até ficando intrigado com as descobertas;
- c) *ações/reações*: (06) Resolve, então, levar os pedacinhos para a escola;
- d) *desenlace*: (07) Desconfiado, o diretor pede para que você comece a guardar tudo o que pegar nos rios;
- e) *situação final*: (08) Pouco tempo depois, um geólogo (profissional que estuda a origem e constituição da Terra) passa por lá e descobre que os pequenos pedaços faziam parte de urnas mortuárias – usadas para enterrar os mortos – produzidas por índios de centenas de anos atrás!

A função discursiva de ativação de memória do leitor, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção da produtora de, por meio da criação de uma cena imaginária em que o leitor é convidado a colocar-se em uma situação provavelmente já sua conhecida e característica de seu cotidiano (brincadeira com os amigos), inserir a criança leitora no microuniverso do texto e aproximá-la efetivamente do mundo da ciência.

Por fim, a conclusão de que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de emocionalidade advém da observação, já realizada no início desta análise, da intenção da produtora de captar a atenção e o interesse do público-alvo para a informação científica divulgada na notícia, tocando seu lado afetivo por meio da criação de uma cena narrativa que coloca o leitor como protagonista da descoberta científica anunciada no texto.

4.1.2 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Elaboração

Para exemplificar a emergência da relação retórica de Elaboração da inserção de um segmento narrativo na organização textual, seleciona-se o texto intitulado *Cara de um, focinho do outro*, publicado na *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) *on-line*, em 09/08/05. A notícia foi escrita por Mara Figueira para divulgar uma pesquisa que deu origem ao primeiro cão clonado do mundo. O público-alvo

do texto de Chagas é formado pelos leitores da CHC, crianças e jovens na faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Segue o texto na íntegra:

(01) Cara de um, focinho do outro.

(02) Conheça Snuppy, o primeiro cachorro clonado do mundo.

(03) Snoopy, você conhece: é o cachorro do Charlie Brown, um beagle que tem como melhor amigo um pássaro chamado Woodstock.

(04) Mas será que já ouviu falar no Snuppy (repare na grafia diferente do nome)?

(05) É provável.

(06) Esse simpático filhote da raça afghanhound virou notícia.

(07) Adivinhe por quê!

(08) Snuppy é um clone.

(09) Isto é, uma cópia fiel de um outro cachorro da raça afghanhound.

(10) Cópia?

(11) Sim, podemos dizer isso porque Snuppy tem o DNA igual ao desse outro cão.

(12) O DNA é uma seqüência de códigos que define as características físicas de cada ser vivo – e tanto Snuppy quanto o outro cachorro têm o DNA idêntico.

(13) Esse filhote de afghanhound é o primeiro clone de cachorro do mundo.

(14) Ele nasceu graças ao trabalho de uma equipe formada por um pesquisador dos Estados Unidos e por cientistas da Coréia do Sul – tanto é que seu nome é uma abreviação da frase ‘filhote da Universidade Nacional de Seul’, quando escrita em inglês (Seul é a capital da Coréia do Sul).

(15) ‘Nós quisemos dar ao cachorro um nome que representasse algo’, contou à *Ciência Hoje das Crianças* Woo-SukHwang, que liderou o grupo de cientistas.

(16) Sabe o que ele e seus companheiros fizeram?

(17) Não, não colocaram um afghanhound macho junto com uma fêmea da mesma raça para que eles cruzassem e assim nascesse o filhote.

(18) Se tivessem feito isso, qual seria a novidade?

(19) Nenhuma.

(20) Uma célula do cachorro – o espermatozóide – iria encontrar uma outra célula da cadela – a célula-ovo.

(21) Desse encontro, seria formada uma nova célula, que se dividiria em duas, em quatro, em oito e assim por diante, formando um embrião – no caso, um filhote de cachorro nos primeiros estágios do seu desenvolvimento.

(22) E ele teria um DNA próprio, diferente do pai e da mãe.

(23) Para que um cachorro com as características de Snuppy nascesse, era preciso fazer algo diferente.

(24) A equipe do cientista Woo-SukHwang usou, então, a técnica que deu origem ao primeiro clone do mundo: a ovelha Dolly.

(25) Os pesquisadores coletaram células-ovo de várias cadelas.

- (26) A seguir, removeram o núcleo de cada uma e o substituíram pelo núcleo retirado de células da pele de um afghanhound adulto.
- (27) Em nenhum momento colocaram as células-ovo em contato com espermatozóides, mas mesmo assim conseguiram formar mais de mil embriões.
- (28) Todos eles foram transferidos para 123 cadelas.
- (29) Somente três delas, no entanto, ficaram prenhas, de fato.
- (30) E apenas duas conseguiram levar a gestação até o fim.
- (31) Snuppy nasceu de uma cadela da raça labrador.
- (32) Um outro filhote – chamado NT-2 – nasceu de uma cachorra vira-lata, mas morreu, com 22 dias de vida, de pneumonia.
- (33) Antes de Snuppy, diversos animais já haviam sido clonados pelos cientistas: ovelhas, ratos, vacas, porcos, coelhos, gatos...
- (34) Demorou para que os cachorro entrassem nessa lista porque as células-ovo desses animais são lançadas do ovário – o local onde ficam guardadas – mais cedo do que em outros mamíferos e quando ainda não estão completamente maduras.
- (35) Os pesquisadores liderados por Woo-SukHwang mostraram que a clonagem desses bichos é possível, mas pouco eficiente.
- (36) Afinal, todo o trabalho resultou em um único clone sadio: Snuppy.
- (37) E sabe quem está cuidando desse filhote?
- (38) Os próprios cientistas, contou Woo-SukHwang à *CHC*.
- (39) Se, depois de ouvir essa história, você ficou interessado em procurar esse pesquisador para clonar o seu cachorro...
- (40) Esqueça!
- (41) 'Clonar animais de estimação não é o nosso principal interesse', explica ele.
- (42) Na verdade, a idéia seria ter diversos animais idênticos para estudar a origem, o desenvolvimento e o tratamento de doenças.
- Mara Figueira
Ciência Hoje das Crianças
09/08/05
(FIGUEIRA, 2005, Grifo nosso).

Considerando-se o fato de o texto estar inserido em um contrato de comunicação midiático, é possível perceber a dupla tensão entre as visadas de informação (fazer-saber) e de captação (fazer-sentir). (CHARAUDEAU, 2009). A visada de informação concretiza-se no objetivo da produtora textual de divulgar uma pesquisa/descoberta científica a um público que ela presume desconhecê-la; dessa forma, a primeira finalidade desse contrato de comunicação consiste, conforme já mencionado, na divulgação da pesquisa que realizou a primeira clonagem canina do mundo. Por outro lado, no campo do fazer-sentir, ou seja, da visada de captação, verifica-se a intenção da produtora de captar a atenção do público-alvo para a informação científica divulgada na mídia, valendo-se de estratégias linguístico-discursivas específicas para disseminar, de maneira

compreensível e interessante, o tema da ciência ao público infanto-juvenil. Como exemplo de tais estratégias, temos a tentativa de estabelecimento de um “diálogo” com o leitor, por meio de interpelações bastante recorrentes: “Snoopy, você conhece [...]” (sentença 3), “Adivinhe por quê!” (s. 7), “Sabe o que ele e seus companheiros fizeram?” (s. 15), etc.

Observando-se, de acordo com os postulados de Mann e Thompson (1988) sobre a RST, a organização retórica macroestrutural dessa notícia, é possível perceber a presença de, pelo menos, três relações plausíveis que se estabelecem entre macroproposições nucleares e satélites que constituem o texto: Preparação, Elaboração e Comentário. A descrição da análise RST da notícia *Cara de um, focinho do outro* pode ser melhor visualizada por meio do seguinte quadro:

Quadro 5 - Análise da estrutura retórica do texto *Cara de um, focinho do outro*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
8 a 41	1 a 7	Preparação	O título, o subtítulo e o primeiro parágrafo (satélite) preparam, orientam e despertam interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
8 a 13	14 a 37	Elaboração	A informação apresentada no núcleo (a primeira clonagem canina de um filhote de afghanhound) é detalhada no satélite (descrição dos procedimentos metodológicos adotados pelo pesquisador americano e pelos cientistas coreanos para a realização da clonagem).
1 a 37	38 a 41	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (o produtor, imaginando que a descoberta possa ter provocado no pequeno leitor o desejo de clonar seu animal de estimação, faz um alerta quanto à impossibilidade de realização desse desejo).

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual representa a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Cara de um, focinho do outro*, a relação retórica de Elaboração emerge entre uma unidade nuclear representada pelo bloco entre as sentenças 8 e 13 do texto, na qual se apresenta a

informação sobre a primeira clonagem canina de um filhote de afghanhound, e uma unidade satélite constituída pelo intervalo entre as sentenças 14 e 37, que oferece uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados por um pesquisador americano e por cientistas coreanos para a realização da clonagem. Percebe-se, facilmente, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças 14 e 37, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, consistem no satélite da relação de Elaboração.

Segundo a lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Elaboração diz respeito ao reconhecimento da situação apresentada no satélite como um fornecimento de detalhes adicionais para o núcleo. Desse modo, pode-se afirmar que, almejando tal efeito sobre o leitor (o de que a criança reconheça no satélite um detalhamento da pesquisa que deu origem à primeira clonagem canina do mundo), a produtora do texto lança mão da organização narrativa de uma forma que faz com que o leitor tenha acesso a todos os passos da pesquisa.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 14 e 37 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um baixo grau de narrativização (narrativa-relato) e de uma função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como a correspondência à restrição de seriedade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de baixo grau, ou uma narrativa-relato, pelo fato de tratar-se de uma simples sucessão linear e cronológica de proposições, sem ordem hierárquica.

A função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos da pesquisa, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção da produtora de, por meio da composição de um relato simples e cronologicamente organizado, oferecer à criança leitora um panorama rico e, ao mesmo tempo, bastante compreensível do desenvolvimento da pesquisa que clonou o filhote de afghan hound.

Em última instância, pode-se concluir que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de seriedade, na medida em que, por meio da descrição completa e objetiva dos passos da pesquisa, confere credibilidade à informação divulgada no texto.

4.1.3 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Solução

O texto selecionado para exemplificar a emergência da relação retórica de Solução da inserção de um segmento narrativo em sua organização intitula-se *Trans... o quê?* e foi publicado na *Ciência Hoje das Crianças (CHC) on-line*, em 16/10/06. A notícia foi escrita por Marina Verjovsky para divulgar o que é a gordura *trans*. O público-alvo do texto de Verjovsky é formado pelos leitores da CHC, crianças e jovens na faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Eis, abaixo, o texto na íntegra:

(1) Trans... o quê?

(2) Entenda o que é a gordura de nome estranho que aparece nos rótulos das gostosuras!

(3) Você ganha um pacote de deliciosos biscoitos recheados com chocolate.

(4) Antes de devorá-los, examina a embalagem.

(5) Nela vem uma tabela dizendo que a gostosura tem um montão de calorias, vitaminas, proteínas e uns três tipos de gordura...

(6) Ué, gordura não é tudo a mesma coisa?

(7) Não.

(8) É justamente por serem muito diferentes que, a partir de agosto, tornou-se obrigatório vir escrito no rótulo de todos os produtos a quantidade de cada uma delas.

(9) A gordura chamada *trans* é a principal vilã, apesar de ser a mais eficiente em deixar os alimentos mais crocantes, sequinhos, duráveis e apetitosos.

(10) É justamente por isso que as indústrias gostam tanto de usá-la em seus produtos...

(11) Portanto, é bem comum encontrá-la em grande quantidade nas delícias industrializadas, como sorvetes, batatas-fritas, pipocas, salgadinhos, biscoitos, bolos e principalmente na margarina.

(12) Os animais ruminantes também produzem pequenas quantidades dessa gordura e, portanto, ela pode estar presente em certos alimentos como a carne e o leite de vaca.

(13) Toda gordura engorda, mas a *trans* é distinta das outras, pois era líquida e foi transformada em sólida e essa transformação é que a torna tão maléfica.

- (14) A nutricionista Vera Lucia Chiara, que estuda o assunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), contou à *CHC On-line* que essa gordura vai se acumulando em nosso corpo ao longo dos anos e pode causar doenças no coração e nas artérias.
- (15) Chiara explica que as outras gorduras – que aparecem nos rótulos como as ‘insaturadas’ – a gente até precisa comer.
- (16) ‘Elas são essenciais porque participam de algumas funções do nosso corpo e não podemos produzi-las’.
- (17) ‘Assim, são fundamentais em todas as fases da vida, especialmente na infância, quando crescemos e nos desenvolvemos’.
- (18) Já a *trans*, não satisfeita em não prestar para essas funções, ainda atrapalha as outras!
- (19) Portanto, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) – parte do governo responsável por controlar essas questões – diz que é seguro para a saúde ingerir apenas menos de 2 g de gordura *trans* por dia.
- (20) Só que essa quantidade é tão pequena que apenas as refeições dariam conta, ou seja: não sobra quase nada para as guloseimas industrializadas!
- (21) E agora?!?
- (22) O que podemos fazer, a partir de agora, é sempre olhar a tabelinha nas embalagens das comidas, que informa a quantidade (em gramas) dessa gordura.
- (23) Dê preferência às guloseimas que não tenham as *trans*, para forçar as indústrias a se preocuparem mais com a nossa saúde e mudarem seus ingredientes para outros mais saudáveis.
- (24) Você também pode fazer as contas: somar toda a quantidade de gordura *trans* que comeu no dia.
- (25) Se chegar à quantidade máxima, guarde o resto das guloseimas para o dia seguinte!
- Marina Verjovsky
Ciência Hoje On-line
16/10/2006
(VERJOVSKY, 2006, Grifo nosso).

A dupla-finalidade do contrato de comunicação midiática também pode ser evidenciada nesse texto. Por um lado, atendendo à visada de informação, a notícia procura divulgar um tema científico a um público leigo – o que é a gordura *trans* e quais são os prejuízos que ela causa à saúde; por outro lado, observando a visada de captação, o texto prima, também, pela motivação do leitor para a leitura, por meio, por exemplo, da criação de um título (“Trans... o quê?”) e um *lead* (“Entenda o que é a gordura de nome estranho que aparece nos rótulos das gostosuras”) chamativos e bem próximos do contexto infantil e da criação de uma pequena cena narrativa (sentenças 3 a 7) que, a exemplo do primeiro texto analisado (como exemplo da emergência da relação de

Circunstância), coloca o leitor como protagonista e o aproxima ainda mais do microuniverso científico do texto.

Analisando-se o texto pela perspectiva da Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988), verifica-se o plausível estabelecimento das relações retóricas de Preparação, Solução e Comentário. A exemplo das análises anteriores, apresenta-se a estrutura retórica da notícia *Trans... o quê?* no quadro a seguir:

Quadro 6 - Análise da estrutura retórica do texto *Trans... o quê?*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
3 a 25	1 e 2	Preparação	O título e o <i>lead</i> (satélite) preparam, orientam e despertam o interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
8 a 18	3 a 7	Solução	As informações apresentadas no núcleo (as características da gordura <i>trans</i> , suas diferenças em relação a outros tipos de gorduras, os prejuízos que causa à saúde, etc.) apresentam uma solução para o problema instaurado no satélite (por que nas tabelas presentes nas embalagens dos alimentos às vezes aparecem mais de um tipo de gordura – “Ué, gordura não é tudo a mesma coisa? Não.”)
1 a 18	19 a 25	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (acréscimo da observação quanto à quantidade de gordura <i>trans</i> a ser ingerida por dia aprovada pela Anvisa e de aconselhamento ao leitor sobre como proceder em relação à ingestão de gordura <i>trans</i>).

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual representa a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Trans... o quê?*, a relação retórica de Solução emerge entre uma unidade nuclear representada pelo bloco entre as sentenças 9 e 18 do texto, no qual se apresentam as características da gordura *trans*, suas diferenças em relação a outros tipos de gorduras, os prejuízos que causa à saúde, etc., e uma unidade satélite constituída pelo intervalo entre as sentenças 3 e 8, que instaura uma problematização acerca da existência de diferentes tipos de gordura e, conseqüentemente, exige a solução proporcionada pelas informações explicitadas no núcleo. Percebe-se, mais uma vez, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças

3 e 7, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, faz parte do satélite da relação de Solução.

Conforme se verifica na lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Solução diz respeito ao reconhecimento da situação apresentada no núcleo como uma solução para o problema determinado no satélite. Desse modo, pode-se afirmar que, visando a este efeito sobre o leitor, a produtora do texto lança mão da organização narrativa de uma forma que faz com que o leitor se coloque como protagonista de uma situação, bastante comum no dia-a-dia, que suscita a problematização a respeito da existência de diferentes tipos de gordura e que exige a resposta/solução da qual a continuidade do texto irá se ocupar.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 3 e 7 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um alto grau de narrativização (sequência narrativa) e de uma função discursiva de ativação de memória do leitor, bem como a correspondência à restrição de emocionalidade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de alto grau (sequência narrativa), ainda que, das cinco macroproposições de base postuladas por Adam (2011), sejam perfeitamente visíveis apenas três – Situação Inicial, Nó e Desenlace –, o que faz desta uma sequência fracamente segmentada (ADAM, 2011):

- a) *situação inicial*: (3) Você ganha um pacote de deliciosos biscoitos recheados com chocolate. (4) Antes de devorá-los, examina a embalagem. (5) Nela vem uma tabela dizendo que a gostosura tem um montão de calorias, vitaminas, proteínas e uns três tipos de gordura...;
- b) *nó*: (6) Ué, gordura não é tudo a mesma coisa?;
- c) *desenlace*: (7) Não.

A função discursiva de ativação de memória do leitor, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção da

produtora de, por meio da criação de uma cena imaginária em que o leitor é convidado a colocar-se em uma situação provavelmente já sua conhecida e característica de seu cotidiano (observação da embalagem de um pacote de biscoitos recheados), inserir a criança leitora no microuniverso do texto e aproximá-la efetivamente do mundo da ciência.

Finalmente, a conclusão de que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de emocionalidade é proveniente da observação da intenção da produtora de captar a atenção e o interesse do público-alvo para a informação científica divulgada na notícia, tocando seu lado afetivo por meio da criação de uma cena narrativa que coloca o leitor como protagonista de uma situação que cria as condições para o surgimento do tema/problema científico que será discutido no texto.

4.1.4 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Fundo

Para exemplificar a emergência da relação retórica de Fundo da inserção de um segmento narrativo na organização textual, seleciona-se o texto intitulado *Desvendando os mistérios da matéria*, publicado na *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) impressa, em setembro de 2010. A notícia foi escrita por Marcelo G. Munhoz para divulgar o foco de pesquisa de um ramo da ciência chamado física de partículas. O público-alvo do texto de Munhoz é formado pelos leitores da CHC, crianças e jovens na faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Segue o texto na íntegra:

- (1) **Desvendando os mistérios da matéria.**
- (2) **Há muito tempo os cientistas tentam descobrir de que é feito o mundo.**
- (3) **Estão sempre a estudar cada partezinha das coisas: cada rocha que forma o solo, cada célula que forma um ser vivo, cada gota d'água...**
- (4) **Dividindo tudo isso em partes cada vez menores, eles foram descobrindo do que é feito o mundo – e ficam cada vez mais curiosos com tudo o que ainda há para descobrir.**
- (5) Um dos ramos da ciência que se dedicam ao estudo das coisas incrivelmente pequenas é a física de partículas.
- (6) Ela quer desvendar os pedacinhos mais básicos – as chamadas 'partículas elementares' – que formam tudo o que existe.
- (7) Quais são essas partículas?

- (8) O que elas têm de especial?
- (9) Como elas se ligam umas às outras?
- (10) No passado, acreditava-se que a menor partícula formadora da matéria era o átomo.
- (11) Foram os pensadores da Grécia antiga, por volta do século 4, que escolheram esse nome, que significa 'indivisível'.
- (12) Mas, no final do século 19 e início do século 20, novas pesquisas demonstraram que existem partículas ainda menores que o átomo: foram descobertos os prótons e os elétrons, partes formadoras dos átomos.
- (13) Essa descoberta mudou o que os cientistas pensavam sobre a matéria.
- (14) Hoje, sabe-se que o universo é composto de vários tipos de partículas, que podem ser elementares ou não.
- (15) As partículas elementares são aquelas mais básicas, ou seja, que não são compostas de nenhuma outra partícula.
- (16) Existem dois tipos de partículas elementares: os chamados léptons e os quarks, com seis variedades cada um.
- (17) Os léptons recebem os nomes de elétron, múon, tau, e cada um deles possui uma outra partícula, o neutrino, associado a elas.
- (18) Temos, portanto, o neutrino do elétron, o neutrino do múon e o neutrino do tau.
- (19) Já os quarks foram batizados up ('para cima'), down ('para baixo'), strange ('estranho'), charm ('charmosos'), bottom ('fundo') e top ('topo').
- (20) Na natureza, os quarks juntam-se para formar partículas um pouco maiores chamadas hádrons que, por sua vez, estão classificados em dois tipos: mésons e bárions.
- (21) Todas essas partículas são muito pequenas – medem cerca de 0.000000000000000001 metro, ou seja, são um trilhão de vezes menores do que a espessura de um fio de cabelo – e, por isso, é impossível manuseá-las diretamente, mesmo com a ajuda de pinças e microscópios.
- (22) Para estudá-las, os físicos tiveram de inventar um aparelho especial chamado acelerador de partículas.
- (23) A caixa-preta das partículas**
- (24) O exemplo de uma caixa fechada de conteúdo desconhecido pode ajudar a entender como o acelerador de partículas funciona.
- (25) Senão houvesse nenhuma abertura visível na caixa, você precisaria quebrá-la para saber o que há dentro, certo?
- (26) Para isso, poderia jogá-la no chão ou contra a parede e, depois, juntar os pedacinhos para desvendar o mistério de seu conteúdo.
- (27) Um acelerador de partículas funciona de forma semelhante: o aparelho joga uma partícula contra a outra, fazendo com que elas se quebrem com a colisão.
- (28) Depois, os cientistas observam os vários pedaços que ficaram e tentam compreender como as partículas se comportam e quais as suas propriedades características.
- (29) Os primeiros aceleradores de partículas do mundo foram construídos na Inglaterra e nos Estados Unidos na década de 1930.
- (30) Depois disso, muitos outros aceleradores foram construídos.

(31) Os maiores estão na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, mas há, também, equipamentos menores espalhados por outros países, até mesmo no Brasil.

(32) Um deles está desde 1972 no Laboratório Aberto de Física Nuclear da Universidade de São Paulo.

(33) Ele foi chamado Pelletron.

(34) Com os aceleradores de partículas, os cientistas conseguiram, por exemplo, tirar energia da matéria, investigar o corpo humano em detalhe e saber o que acontece em galáxias muito distantes.

(35) Tudo isso só foi possível porque compreendem cada vez melhor do que são feitas todas as coisas.

(36) Com vocês, o favorito dos físicos de partículas!

(37) Perto de Genebra, na Suíça, está o maior acelerador de partículas do mundo.

(38) Ele é chamado Grande Colisor de Hádrons (LHC, na sigla em inglês) e foi criado pela Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear.

(39) Milhares de físicos trabalharam em sua construção e outros tantos esperam realizar pesquisas com esse equipamento tão poderoso: ele é capaz de gerar colisões com mais energia que qualquer outro aparelho e quebrar as partículas em pedaços ainda menores, permitindo aos cientistas investigar mais a fundo a constituição da matéria.

(40) Apesar de ter sido inaugurado oficialmente em 2008, o LHC apresentou alguns problemas técnicos e ficou fechado por um ano para manutenção.

(41) No segundo semestre de 2009, ele foi novamente ligado e, desde então, está em funcionamento.

Marcelo G. Munhoz

Universidade de São Paulo

(MUNHOZ, 2010, Grifo nosso).

A dupla-finalidade do contrato de comunicação midiática também pode ser evidenciada nesse texto. Por um lado, atendendo à visada de informação, a notícia procura divulgar um tema científico a um público leigo – o foco de pesquisa da física de partículas; por outro lado, observando a visada de captação, o texto prima, também, pela motivação do leitor para a leitura, por meio, por exemplo, da criação de um título (“Desvendando os mistérios da matéria”), um *lead* (sentenças 2 a 4) e intertítulos (“Com vocês, o favorito dos físicos de partículas!”) chamativos e, conseqüentemente, motivadores para a leitura do texto.

Analisando-se o texto pela perspectiva da Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988), verifica-se a plausível emergência das relações retóricas de Preparação, Fundo, Elaboração e Comentário. A exemplo das

análises anteriores, apresenta-se a estrutura retórica da notícia *Desvendando os mistérios da matéria* no quadro a seguir:

Quadro 7 - Análise da estrutura retórica do texto *Desvendando os mistérios da matéria*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
5 a 41	1 a 4	Preparação	O título e o primeiro parágrafo (satélite) preparam, orientam e despertam o interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
5 a 9	10 a 13	Fundo	A unidade satélite possui a função de facilitar a compreensão da afirmação apresentada no núcleo. Neste caso, para facilitar a compreensão acerca do que seria uma partícula e, conseqüentemente, a física de partículas, o produtor textual julgou necessário um breve relato histórico sobre a trajetória dos estudos científicos que se dedicaram à matéria e sua formação.
5 a 9	14 a 35	Elaboração	A informação apresentada no núcleo (a apresentação de um ramo da ciência chamado “física de partículas” e sua preocupação em desvendar os pedacinhos mais básicos – as chamadas “partículas elementares” – que formam tudo o que existe) é detalhada no satélite (descrição das partículas elementares mencionadas no núcleo, bem como do modo como os cientistas as estudam, por meio de um equipamento chamado “acelerador de partículas”).
1 a 35	36 a 41	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (com a introdução de um intertítulo bastante chamativo e que implica diretamente o leitor – “Com vocês, o favorito dos físicos de partículas!” –, o produtor acrescenta uma nova informação ao texto, fazendo um comentário sobre o maior acelerador de partículas do mundo, o Grande Colisor de Hádrons – LHC –, que está localizado perto de Genebra, na Suíça).

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual apresenta a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Desvendando os mistérios da matéria*, a relação retórica de Fundo emerge entre uma unidade nuclear representada pelo bloco entre as sentenças 5 e 9 do texto, na qual se apresenta um ramo da ciência chamado “física de partículas” e sua preocupação em desvendar os pedacinhos mais básicos – as chamadas “partículas elementares” – que formam tudo o que existe, e uma unidade satélite constituída pelo intervalo

entre as sentenças 10 e 13, que oferece um breve relato histórico sobre a trajetória dos estudos científicos que se dedicaram à matéria e sua formação. Verifica-se, novamente, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças 10 e 13, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, consistem no satélite da relação de Fundo.

Conforme se verifica na lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Fundo consiste no aumento de sua capacidade para entender a informação contida no núcleo. Desse modo, pode-se afirmar que, visando a este efeito sobre o leitor, o produtor do texto lança mão da organização narrativa de uma forma que faz com que, por meio de um breve relato histórico, o leitor tenha um conhecimento de base para a compreensão do tema científico apresentado na unidade nuclear.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 10 e 13 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um baixo grau de narrativização (narrativa-relato) e de uma função discursiva de relato histórico, bem como a correspondência à restrição de seriedade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de baixo grau, ou uma narrativa-relato, pelo fato de tratar-se de uma simples sucessão linear e cronológica de proposições, sem ordem hierárquica.

A função discursiva de relato histórico, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção do produtor de, por meio da composição de um relato simples e cronologicamente organizado, oferecer à criança leitora um conhecimento de base – que o produtor julga necessário – para a compreensão do tema científico tratado pela notícia (no caso, a física de partículas e seu foco de pesquisa).

Em última instância, pode-se concluir que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de seriedade, na medida em que, por meio de uma contextualização histórica e factual, confere credibilidade à informação divulgada no texto.

4.2 Análise Quantitativa do *Corpus* Adulto (*Corpus* 2)

Compõem o *corpus* de notícias de DC dirigidos ao público adulto 15 textos publicados na revista impressa *Ciência Hoje*, entre agosto de 2005 e julho de 2012. Diferentemente dos textos pertencentes ao *Corpus* 1, as notícias constituintes do *Corpus* 2 foram coletadas exclusivamente para as pesquisas empreendidas em meu TCC e, posteriormente, nesta dissertação de mestrado. As análises de suas estruturas retóricas foram igualmente realizadas apenas para este fim.

Entre os 15 textos pertencentes ao *Corpus* 2, pode-se contabilizar um total de 17 segmentos com organização narrativa. Fica claro mais uma vez que, em certos casos, em um único texto, há mais de uma ocorrência de segmento narrativo.

Após a análise da estrutura retórica dos 15 textos constituintes do *Corpus* 2, de acordo com a Teoria de Estrutura Retórica (RST), constata-se a emergência de 2 tipos de relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais porções textuais que os precedem ou sucedem, sendo elas: relação de **Elaboração** e relação de **Fundo**. A exemplo do que ocorre no *Corpus* 1, aqui também se verifica que os segmentos narrativos figuram como unidades satélites nas duas relações encontradas.

Especificando-se a quantidade de segmentos narrativos de cuja inserção nos textos emerge cada uma das relações retóricas encontradas, observa-se, entre os 17 segmentos encontrados, a ocorrência de: 15 segmentos em relação de Elaboração com as porções textuais que os antecedem e 2 segmentos em relação de Fundo com as unidades informacionais precedentes.

Os resultados quantitativos até agora apresentados podem ser visualizados objetivamente no seguinte quadro:

Quadro 8 - Relação entre o número de relações retóricas encontradas e o número de segmentos narrativos (*Corpus* 2)

RELAÇÕES RETÓRICAS ENCONTRADAS	NÚMERO DE SEGMENTOS NARRATIVOS
Elaboração	15
Fundo	02
TOTAL: 2 relações retóricas emergentes / 17 segmentos narrativos	

Fonte: Elaborado pela autora.

Estabelecendo-se, quantitativamente, uma associação entre as relações retóricas encontradas como emergentes entre os segmentos narrativos e as demais partes dos textos e as categorias analisadas no TCC – grau de narrativização (ADAM, 2011), função discursiva e correspondência às restrições de seriedade e emocionalidade do contrato de comunicação midiático (CHARAUDEAU, 2008a) – verificam-se os seguintes números:

- a) *relação retórica X grau de narrativização*: todos os 15 segmentos dos quais emerge a relação de **Elaboração**, bem como os 2 segmentos que estão em uma relação de **Fundo** com outra porção dos textos nos quais se inserem apresentam um baixo grau de narrativização (narrativa-relato);
- b) *relação retórica X função discursiva*: todos os 15 segmentos dos quais emerge a relação de **Elaboração** possuem a função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos, ou, em alguns casos, de descrição dos resultados alcançados pela pesquisa que o texto noticia; os dois segmentos narrativos que estão em uma relação de **Fundo** com outra porção dos textos nos quais se inserem desempenham discursivamente a função de relato histórico de algum(uns) fato(s) que subsidiam a compreensão da pesquisa e/ou descoberta científica divulgadas na notícia;
- c) *relação retórica X restrições midiáticas*: todos os 15 segmentos dos quais emerge a relação de **Elaboração** estão em correspondência à restrição midiática de seriedade (organização narrativa utilizada para realizar contextualizações históricas ou descrições metodológicas das informações e pesquisas que os textos divulgam); os dois segmentos narrativos que estão em uma relação de **Fundo** com outra porção dos textos nos quais se inserem também servem à restrição midiática de seriedade.

As análises e resultados acima descritos encontram-se representados de modo mais objetivo no quadro a seguir:

Quadro 9 - Resultados quantitativos: corpus adulto (*Corpus 2*)

Categorias TCC	Subcategorias TCC	Relações retóricas emergentes da inserção de segmentos narrativos nas notícias de DC	
		<i>Elaboração</i> 15 segmentos narrativos (seg. *)	<i>Fundo</i> 02 segmentos narrativos (seg. *)
Grau de narrativização	Alto	-	-
	Baixo	15 seg.	02 seg.
Função discursiva	Relato histórico	-	02 seg.
	Descrição de procedimentos metodológicos / resultados	15 seg.	-
	Ativação de memórias prévias do leitor	-	-
Restrição midiática	Seriedade	15 seg.	02 seg.
	Emocionalidade	-	-

*(seg.) = segmento narrativo

Fonte: Elaborado pela autora

Para fins ilustrativos, a seguir, serão analisadas qualitativamente duas notícias constituintes do *Corpus2*, exemplificando cada uma das relações retóricas encontradas como emergentes entre os segmentos narrativos e as demais porções dos textos.

4.2.1 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Elaboração

O texto selecionado para exemplificar a emergência da relação retórica de Elaboração da inserção de um segmento narrativo em sua organização intitula-se *Cópia de si mesma* e foi publicado na *Ciência Hoje* (CH) impressa, em agosto de 2009. A notícia foi adaptada da revista *on-line Animal Behaviour* e, como as demais notícias de DC veiculadas na revista *Ciência Hoje*, não possui indicação de autoria, do que se conclui que esses textos são de responsabilidade da equipe de redação da revista. O texto divulga um estudo que descobriu um gênero de aranha que é capaz de produzir cópias de si

mesma para distrair a atenção dos predadores. O público para o qual a notícia foi escrita é composto dos leitores da revista *Ciência Hoje*, adultos estudiosos ou interessados por ciência.

Eis, abaixo, o texto na íntegra:

(1) Cópia de si mesma.

(2) Uma aranha pode ser dita mestra no disfarce: ela produz 'cópias' de si mesma para distrair a atenção dos predadores.

(3) É a primeira vez que esse tipo de comportamento é visto na natureza.

(4) E a observação ajuda a responder a uma pergunta secular.

(5) As aranhas do gênero *Cyclosa* produzem uma réplica do próprio corpo, com o mesmo tamanho, forma e aparência.

(6) Os autores do estudo, LingTseng e I-Min Tso, da Universidade de Tunghai (Taiwan), mostraram que, em teias em que não há cópias (ou iscas), os predadores (no caso, vespas), em todos os ataques, foram diretamente sobre a aranha.

(7) Mas, no caso das teias com duas ou mais iscas, a maioria dos ataques foi na 'cópia'.

(8) Mais especificamente: dos 22 ataques contra essas teias, 17 deles foram contra a isca.

(9) Teias com uma ou nenhuma isca sofreram metade dos ataques que as com duas ou mais iscas, no mesmo período de oito horas, mas no primeiro caso o percentual de acertos dos ataques foi maior.

(10) Ou seja, as cópias, apesar de chamarem a atenção dos predadores, são uma estratégia vantajosa para as aranhas.

(11) As iscas podem ser feitas de detritos, restos de plantas e de presas.

(12) Fêmeas adultas também usam suas bolsas de ovos, construídas para parecer com o corpo da aranha.

(13) Em geral, as cópias são posicionadas acima e abaixo do centro da teia, onde a aranha costuma ficar.

(14) Os autores também observaram que as cópias refletem luz do mesmo modo que o corpo da aranha.

(15) Esses resultados ajudam a entender uma pergunta que há cerca de 100 anos vem perambulando sem resposta entre os biólogos: por que certas espécies de aranhas decoram suas teias?

(16) A resposta parece não ser única.

(17) Segundo Tso, isso parece ocorrer por motivos diferentes, sendo a distração dos predadores só um deles.

(18) Suspeita-se também que as decorações sirvam como sinal de alerta para os predadores ou atração para as presas, bem como reforço da estrutura da teia.

Animal Behaviour

28/06/09 on-line

(CIÊNCIA HOJE, 2012, Grifo nosso).

A dupla-finalidade do contrato de comunicação midiática pode ser evidenciada nesse texto. Por um lado, atendendo à visada de informação, a

notícia procura divulgar uma descoberta científica a um público leigo – a descoberta de aranhas capazes de produzirem cópias de si mesmas; por outro lado, observando a visada de captação, o texto prima, também, pela motivação do leitor para a leitura, por meio, por exemplo, da criação de um título chamativo e de um certo “ar de mistério” no primeiro parágrafo, que introduz tópicos (como “pergunta secular”, na sentença 4) que serão explicitados apenas no decorrer da notícia.

Analisando-se o texto pela perspectiva da Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1988), verifica-se o plausível estabelecimento das relações de Preparação, Elaboração e Comentário. A exemplo da outra análise, apresenta-se a estrutura retórica da notícia *Cópia de si mesma* no quadro a seguir:

Quadro 10 - Análise da estrutura retórica do texto *Cópia de si mesma*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
5 a 18	1 a 4	Preparação	O título e o primeiro parágrafo (satélite) preparam, orientam e despertam o interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
5	6 a 14	Elaboração	A informação apresentada no núcleo (a descoberta, na natureza, de aranhas capazes de produzirem “cópias” de si mesmas) é detalhada no satélite (descrição dos procedimentos metodológicos adotados pelos autores do estudo para realizarem essa descoberta).
1 a 14	15 a 18	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (apresentação da relação entre a descoberta descrita nos parágrafos anteriores e a resposta a uma antiga dúvida a respeito do motivo pelo qual algumas aranhas decoram suas teias).

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual apresenta a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Cópia de si mesma*, a relação retórica de Elaboração emerge entre uma unidade nuclear representada pela sentença 5 do texto, na qual se apresenta a descoberta, na natureza, de aranhas capazes de produzirem “cópias” de si mesmas, e uma unidade satélite

constituída pelo intervalo entre as sentenças 6 e 14, que oferece uma descrição dos procedimentos metodológicos adotados pelos autores do estudo para realizarem essa descoberta. Percebe-se, facilmente, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças 6 e 14, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, consistem no satélite da relação de Elaboração.

Segundo a lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Elaboração diz respeito ao reconhecimento da situação apresentada no satélite como um fornecimento de detalhes adicionais para o núcleo. Desse modo, pode-se afirmar que, almejando tal efeito sobre o leitor (reconhecimento do satélite como um detalhamento da pesquisa que originou a descoberta de aranhas capazes de produzirem “cópias” de si mesmas), o(s) produtor(es) do texto lança(m) mão da organização narrativa de uma forma que faz com que o leitor tenha acesso a todos os passos da pesquisa.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 6 e 14 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um baixo grau de narrativização (narrativa-relato) e de uma função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos e/ou de resultados da pesquisa, bem como a correspondência à restrição de seriedade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de baixo grau, ou uma narrativa-relato, pelo fato de tratar-se de uma simples sucessão linear e cronológica de proposições, sem ordem hierárquica.

A função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos da pesquisa, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção do(s) produtor(es) de, por meio da composição de um relato simples e cronologicamente organizado, oferecer ao leitor um panorama rico e, ao mesmo tempo, bastante compreensível do desenvolvimento da pesquisa que descobriu aranhas capazes de criarem “cópias” de si mesmas.

Em última instância, pode-se concluir que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de seriedade, na medida

em que, por meio da descrição completa e objetiva dos passos da pesquisa, confere credibilidade à informação divulgada no texto.

4.2.2 Análise de Texto com Exemplo de Segmento Narrativo em Relação de Fundo

Para exemplificar a emergência da relação retórica de Fundo da inserção de um segmento narrativo na organização textual, seleciona-se o texto intitulado *Alexandre... Tão grande assim?*, publicado na *Ciência Hoje* (CH) impressa, em julho de 2007. A notícia foi adaptada do periódico *Proceedings of the National Academy of Sciences* e, como as demais notícias de DC veiculadas na revista *Ciência Hoje*, não possui indicação de autoria, do que se conclui que esses textos são de responsabilidade da equipe de redação da revista. A notícia divulga um estudo que deu origem ao surgimento de fortes evidências de que a conquista de Tiro por Alexandre, o Grande não foi tão heroica quanto se imaginava e contou com um pequeno auxílio da natureza. O público para o qual o texto foi escrito é composto dos leitores da revista *Ciência Hoje*, adultos estudiosos ou interessados por ciência.

Segue o texto na íntegra:

(1) Alexandre... Tão grande assim?

- (2) As geociências talvez causem um arranhão na imagem do líder militar e conquistador macedônio Alexandre, o Grande.
- (3) Surgiram (fortes) evidências de que ele teria contado com uma 'mãozinha' da mãe-natureza no que é considerada pelos historiadores militares como a maior vitória da carreira dele.
- (4) Em 332 a.C., os exércitos de Alexandre marcharam ao longo da costa fenícia.
- (5) Até lá, eles haviam deixado um rastro de vitórias (e de devastação e mortes, obviamente).
- (6) Porém, a 1 km da costa estava a ilha de Tiro (hoje, Líbano), com águas cuja profundidade era, em média, de 10 m.
- (7) Sete meses depois, Alexandre chegou à ilha e abriu um rombo nas muralhas de 50 m de altura, contabilizando mais uma conquista para seu currículo, que se encerrou aos 32 anos de idade com a sua morte prematura.
- (8) Segundo os historiadores, foi o início do fim do império fenício.
- (9) A conquista de Tiro obrigou os engenheiros do exército de Alexandre a construir uma estrada à base de rochas e troncos para chegar à ilha.
- (10) Levando em conta a tecnologia disponível na época, os historiadores sempre se mostraram impressionados com o fato de

que esse caminho artificial tivesse sido feito sobre um manto de 10 m de água.

(11) Algo nada trivial para a época.

(12) Agora, o geólogo Nick Marriner e colegas, do Cerege (sigla, em francês, para Centro Europeu para a Pesquisa e o Ensino de Geociências do Meio Ambiente), com base em amostras (sedimentos, microfósseis, etc.) coletadas nas proximidades da ilha de Tiro, concluíram que a profundidade na época da batalha era bem mais modesta: algo entre 1 m ou 2 m, o que teria facilitado, em muito, a construção da estrada.

(13) Um rio próximo, o Litani, teria, há cerca de 5,5 mil anos, começado a lançar sedimentos na região, formando um tipo de plataforma entre a costa e a ilha.

(14) Além disso, a ilha de Tiro – hoje praticamente um istmo – agiu como um tipo de barreira para as ondas, permitindo, com isso, que mais material se acumulasse entre a ilha e o continente.

(15) Agora, é esperar pela réplica dos historiadores militares.

Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 104, pp. 9.218-9.223 (2007)

(CIÊNCIA HOJE, 2012, Grifo nosso).

A dupla-finalidade do contrato de comunicação midiática também pode ser evidenciada nesse texto. Por um lado, atendendo à visada de informação, a notícia procura divulgar uma descoberta científica a um público leigo – o surgimento de fortes evidências de que a conquista de Tiro por Alexandre, o Grande não foi tão heroica quanto se imaginava e contou com um pequeno auxílio da natureza; por outro lado, observando a visada de captação, o texto prima, também, pela motivação do leitor para a leitura, por meio, por exemplo, da criação de um título chamativo e de um certo “ar de mistério” no primeiro parágrafo, que introduz tópicos (como “a maior vitória da carreira dele”, na sentença 4) que serão explicitados apenas no decorrer da notícia.

Observando-se, de acordo com os postulados de Mann e Thompson (1988) sobre a RST, a organização retórica macroestrutural dessa notícia, é possível perceber a presença de, pelo menos, quatro relações plausíveis que emergem entre macroproposições nucleares e satélites que constituem o texto: Preparação, Fundo, Elaboração e Comentário. A descrição da análise da estrutura retórica, considerando-se as relações propostas pela RST, da notícia *Alexandre... Tão grande assim?* pode ser melhor visualizada por meio do seguinte quadro:

Quadro 11 - Análise da estrutura retórica do texto *Alexandre... Tão grande assim?*

Unidade nuclear	Unidade satélite	Relação	Descrição da relação
4 a 15	1 a 2	Preparação	O título e a primeira frase (satélite) preparam, orientam e despertam o interesse do leitor para a leitura do resto do texto (núcleo).
3	4 a 11	Fundo	A unidade satélite possui a função de facilitar a compreensão da afirmação apresentada no núcleo. Neste caso, para facilitar a compreensão acerca do que seria a maior vitória da carreira de Alexandre, o Grande, o satélite traz um breve relato sobre a conquista de Tiro e sobre como acreditava-se, até o momento, que ela tinha acontecido.
3	12 a 14	Elaboração	A informação apresentada no núcleo (o surgimento de fortes evidências de que a conquista de Tiro por Alexandre, o Grande não foi tão heroica quanto se imaginava e contou com um pequeno auxílio da natureza) é detalhada no satélite (descrição da pesquisa que originou tais evidências, bem como das conclusões a que chegaram os autores do estudo).
1 a 14	15	Comentário	A unidade satélite refere-se à unidade nuclear expressando uma observação subjetiva do produtor, numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo (“Agora, é esperar pela réplica dos historiadores militares”).

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme descrito no quadro acima, o qual apresenta a estrutura retórica, de acordo com a RST, da notícia de DC *Alexandre... Tão grande assim?*, a relação retórica de Fundo emerge entre uma unidade nuclear representada pela sentença 3 do texto, na qual se apresenta o surgimento de fortes evidências de que a conquista de Tiro por Alexandre, o Grande não foi tão heroica quanto se imaginava e contou com um pequeno auxílio da natureza, e uma unidade satélite constituída pelo intervalo entre as sentenças 4 e 11, que oferece um breve relato histórico sobre a conquista de Tiro e sobre como acreditava-se, até o momento, que ela tinha acontecido. Mais uma vez, observa-se, facilmente, a presença de um segmento com organização narrativa entre as sentenças 4 e 11, que, como pode ser visualizado na distribuição das unidades

macroproposicionais nucleares e satélites que compõem a estrutura retórica do texto, consistem no satélite da relação de Elaboração.

Conforme se verifica na lista descritiva das relações retóricas propostas pela RST anexada a este trabalho, o efeito retórico causado no leitor por uma relação de Fundo consiste no aumento de sua capacidade para entender a informação contida no núcleo. Desse modo, pode-se afirmar que, visando a este efeito sobre o leitor, o(s) produtor(es) do texto lançam mão da organização narrativa de uma forma que faz com que, por meio de um breve relato histórico, o leitor tenha um conhecimento de base para a compreensão do tema científico apresentado na unidade nuclear; neste caso, fica evidente que o(s) produtor(es) do texto julga(m) necessário que, para compreender aquela que é (ou era) considerada a maior vitória da carreira de Alexandre, o Grande, o leitor tenha um certo conhecimento histórico sobre a conquista de Tiro.

Analisando-se o segmento narrativo que compreende o bloco entre as sentenças 4 e 11 de acordo com as categorias estabelecidas em meu TCC, verifica-se a ocorrência de um baixo grau de narrativização (narrativa-relato) e de uma função discursiva de relato histórico, bem como a correspondência à restrição de seriedade do contrato de comunicação midiático.

Quanto ao grau de narrativização, é possível afirmar que este segmento configura-se como uma narrativa de baixo grau, ou uma narrativa-relato, pelo fato de tratar-se de uma simples sucessão linear e cronológica de proposições, sem ordem hierárquica.

A função discursiva de relato histórico, desempenhada pelo segmento narrativo em questão, é revelada pela aparente intenção do produtor de, por meio da composição de um relato simples e cronologicamente organizado, oferecer ao leitor um conhecimento de base – que o produtor julga necessário – para a compreensão do tema científico tratado pela notícia (no caso, a maior conquista da carreira de Alexandre, o Grande).

Em última instância, pode-se concluir que esta breve narrativa serve como uma estratégia para atender à restrição midiática de seriedade, na medida em que, por meio de uma contextualização histórica e factual, confere credibilidade à informação divulgada no texto.

Finalizadas as análises quantitativas e qualitativas dos *corpora* infantil e adulto, passamos à discussão e comparação dos resultados.

4.3 Discussão e Comparação dos Resultados

Neste momento, se faz necessária uma discussão acerca dos dados resultantes das análises quantitativas realizadas anteriormente, com vistas a salientar as diferenças e semelhanças entre a emergência (recorrente ou não) de determinadas relações retóricas, de acordo com a RST, da inserção de segmentos com organização narrativa em notícias de DC para crianças e adultos, considerando-se igualmente a associação dessas relações retóricas a categorias de estudo da narrativa, como grau de narrativização, função discursiva e correspondência às restrições midiáticas de seriedade e emocionalidade.

Primeiramente, chama-se a atenção para a quantidade de segmentos narrativos encontrada em cada *corpus* (1 e 2), considerando-se, naturalmente, que o número de notícias analisadas em cada um é o mesmo (15). A quantidade praticamente equivalente de segmentos com organização narrativa em cada *corpus* (18 no *Corpus 1* contra 17 no *Corpus 2*) sugere que a utilização do modo de organização narrativo em alguns segmentos dos textos funciona como um eficiente procedimento discursivo para o alcance de determinados fins em notícias de DC voltadas tanto ao público infantil quanto ao público adulto.

Quanto à recorrência do surgimento de determinadas relações retóricas entre os segmentos narrativos e as demais porções dos textos, é possível observar que apenas duas relações se repetem nos dois *corpora*: **Fundo** e **Elaboração**. Entre as duas, a mais recorrente é a relação de Elaboração, que emerge da inserção de 15 segmentos narrativos (em um total de 18 segmentos no *Corpus 1* e 17 no *Corpus 2*) em cada um dos *corpora*. Esse resultados evidenciam uma maior utilização da organização narrativa a serviço do detalhamento de pesquisas e descobertas científicas divulgadas nos textos (relação de Elaboração) e, em menor escala, do fornecimento de conhecimento-base para o aumento da compreensão de temas da ciência tratados nas notícias.

Associando-se as relações recorrentes nos dois *corpora* às categorias de análise da narrativa estabelecidas em meu TCC, verifica-se a predominância de um baixo grau de narrativização nos segmentos de cuja inserção emergem as relações de Elaboração e Fundo, tanto no *Corpus 1* quanto no *Corpus 2* (todos os segmentos narrativos, em ambos os *corpora*, que estão em relação de

Elaboração ou de Fundo com as porções textuais que os precedem ou sucedem apresentam um baixo grau de narrativização).

Na categoria função discursiva, constata-se uma maior recorrência das funções de descrição de procedimento metodológicos e/ou resultados de pesquisa e de relato histórico nos segmentos narrativos em relação de Elaboração e de Fundo, respectivamente, em ambos os *corpora*. No *Corpus 1*, dos 15 segmentos narrativos em relação de Elaboração, 12 desempenham a função discursiva de descrição de procedimentos metodológicos da pesquisa divulgada na notícia; no *Corpus 2*, por sua vez, todos os 15 segmentos que se encontram na mesma relação de Elaboração possuem esta função. Quanto aos segmentos narrativos em relação de Fundo, todos eles, em ambos os *corpora* exercem a função discursiva de relato histórico.

Observando-se o critério da correspondência às restrições de seriedade e emocionalidade do contrato de comunicação midiático, observa-se que todos os segmentos narrativos em relação de Elaboração ou de Fundo, em ambos os *corpora*, estão à serviço da restrição midiática de seriedade, na medida em que estão comprometidos com funções discursivas – descrição de procedimentos metodológicos e relato histórico – que buscam conferir credibilidade às informações divulgadas nos textos.

Embora as relações retóricas emergentes da inserção de narrativas mais recorrentes nos textos que compõem os *corpora* sejam Elaboração e Fundo, não deve ser desconsiderado o fato de que, no gênero analisado (notícia de DC), o encaixe de segmentos narrativos na macroestrutura textual pode ocasionar outros tipos de relações retóricas, como, por exemplo, as relações de Circunstância e de Solução, encontradas em notícias pertencentes ao *Corpus1* (público infantil). O que se quer afirmar aqui é que, mesmo tendo sido descoberta a recorrência das relações de Elaboração e de Fundo na inserção de segmentos narrativos nos textos para crianças e adultos, não se pretende, de forma alguma, restringir as possibilidades de utilização da narrativa em outras relações e com outras funções.

Por fim, ainda que o foco desta pesquisa recaia sobre a emergência de relações retóricas da inserção de segmentos narrativos em notícias de DC para adultos e crianças, considera-se relevante tecer algumas pequenas observações

a respeito da estrutura retórica global dos textos, de modo a estabelecer relações com as características composicionais do gênero estudado.

Nesse sentido, ressalte-se a predominância da macroestrutura retórica **PREPARAÇÃO – ELABORAÇÃO – COMENTÁRIO**, ou da variante **PREPARAÇÃO – FUNDO – ELABORAÇÃO – COMENTÁRIO**, nas notícias de DC pertencentes a ambos os *corpora*. De certo modo, pode-se associar tal estrutura retórica à composição genérica das notícias de DC, que parece seguir um modelo mais ou menos fixo de **ANÚNCIO DA PESQUISA/ DESCOBERTA CIENTÍFICA – DETALHAMENTO DA PESQUISA – IMPACTO DOS RESULTADOS ALCANÇADOS E PRÓXIMOS PASSOS**. Ilustrando-se esta associação em um esquema, poder-se-ia chegar ao seguinte resultado:

Quadro 12 - Associação entre a estrutura composicional e a estrutura retórica do gênero notícia de DC

Estrutura composicional do gênero notícia de DC		Estrutura retórica predominante em textos do gênero notícia de DC
ANÚNCIO DA PESQUISA/DESCOBERTA	→	Preparação
↓		↓
DETALHAMENTO DA PESQUISA	→	Elaboração (Fundo)
↓		↓
IMPACTO DOS RESULTADOS / PRÓXIMOS PASSOS	→	Comentário

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, esta observação parece vir ao encontro da hipótese anteriormente mencionada de que o gênero textual-discursivo e suas características e restrições composicionais interferem na organização retórica dos textos.

Feitas as comparações, passamos ao capítulo final deste trabalho, no qual serão apresentadas as conclusões e últimas considerações sobre a pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Há algum tempo, liam-se, na aba “Popularização da Ciência” do portal *on-line* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), as seguintes palavras:

A pesquisa científica gera conhecimentos, tecnologias e inovações que beneficiam toda a sociedade. No entanto, muitas pessoas não conseguem compreender a linguagem utilizada pelos pesquisadores. Neste contexto, a grande mídia e as novas tecnologias de comunicação cumprem o papel de facilitadores do acesso ao conhecimento científico. (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2012).

O objetivo maior deste trabalho foi justamente debruçar-se sobre um dos instrumentos que pode e, como foi possível constatar por meio das análises aqui empreendidas, de fato é empregado neste processo de popularização do conhecimento científico pela instância midiática: a utilização do modo de organização narrativo, como um procedimento discursivo que, assumindo diferentes características estruturais e atendendo a diferentes propósitos discursivos e retóricos, certamente possui um papel significativo nessa atividade tão importante para o progresso social.

Assim sendo, não há como negar a importância de uma pesquisa que se volte para o estudo da vasta gama de possibilidades de uso da narrativa como instrumento discursivo – cuja inserção no texto pode estar relacionada à obtenção de diferentes efeitos retóricos sobre o leitor – a serviço do discurso de mediatização da ciência para crianças e adultos, dada a considerável recorrência desse uso na divulgação para ambos os públicos, principalmente no gênero notícia de divulgação científica. Além disso, a disseminação de estratégias discursivas possíveis às práticas de divulgação se faz absolutamente necessária para a continuidade do processo de popularização dos temas da ciência e, obviamente, para a reflexão sobre atitudes cabíveis à necessidade constante de inovar e atrair, cada vez mais, a atenção e o interesse do público-leigo, desde a infância, para os assuntos científicos. Nesse sentido, espera-se, ainda, que pesquisas como essa sirvam de apoio e motivação para o trabalho pedagógico baseado na leitura de textos de DCM.

Considerando-se as análises realizadas no presente estudo, verifica-se a predominância, tanto nos textos escritos para crianças quanto nos direcionados a adultos, da utilização da organização narrativa de baixo grau para descrever os procedimentos metodológicos empregados em pesquisas responsáveis por descobertas e feitos científicos, os quais as notícias analisadas pretendiam divulgar.

A descrição da metodologia adotada nas pesquisas divulgadas consiste em uma característica do gênero notícia de divulgação científica, que, conforme salientado durante as análises, está fortemente atrelada à restrição de seriedade da mídia. O modo como essa descrição será incluída no texto, no entanto, certamente faz parte das opções e estratégias a serem utilizadas pelo produtor, o qual pode, como vimos, lançar mão da organização narrativa e atribuir a ela diferentes funções retóricas no texto.

Na grande maioria das notícias analisadas, as opções de estruturação textual realizadas pelos produtores revelaram a colocação da narrativa-relato dos procedimentos metodológicos em uma relação de Elaboração com as unidades informacionais precedentes. Este dado evidencia a eleição do modo de organização narrativo pela maioria dos produtores dos textos analisados como um procedimento retórico-discursivo bastante útil para, por meio do detalhamento de pesquisas e descobertas científicas, facilitar a compreensão do leitor, seja ele adulto ou criança, e tornar o tema científico tratado pelo texto efetivamente acessível ao público-leigo. Em outras palavras, pode-se concluir que a utilização da organização narrativa, ainda que de baixo grau (narrativa-relato, e não sequência), em segmentos de cuja inserção nos textos emerge, predominantemente, uma relação retórica de Elaboração está diretamente a serviço da necessidade de se popularizar a ciência.

Novamente, é necessário esclarecer que, embora a recorrência da emergência da relação de Elaboração seja predominante nos *corpora*, não se pode/deve desprezar o surgimento constatado de outras relações retóricas da inserção de narrativas nas notícias analisadas. Mais do que isso, é importante observar que a opção pela organização narrativa não está relacionada apenas à necessidade de informar e/ou divulgar pesquisas e temas científicos (visada de informação), servindo também à necessidade de tocar o lado emocional-afetivo do leitor, despertando seu interesse pela leitura do texto de DCM (visada de

captação). Exemplo disso é a ocorrência de segmentos narrativos – principalmente no *corpus* infantil – com alto grau de narrativização (ou seja, organizados nos moldes da sequência narrativa), dos quais emergem relações retóricas de Circunstância e Solução, e cuja função é a de aproximar o leitor do microuniverso científico criado pela notícia, convidando-o a imaginar-se como protagonista da descoberta científica divulgada no texto.

À guisa de conclusão, assume-se que a esquematização de um texto é um processo de coconstrução, no qual o produtor, ao organizar seu plano textual, leva em consideração as características e conhecimentos de seu possível leitor e, a partir disso, lança mão de estratégias variadas para alcançar o fim discursivo pretendido e causar os efeitos desejados sobre o leitor. Dessa forma, acredita-se que a emergência recorrente de determinadas relações retóricas entre as narrativas encaixadas e as outras partes do texto revela estratégias do produtor textual para orientar a leitura e compreensão da notícia e despertar o interesse do leitor pelos temas da ciência, tanto nos textos escritos para crianças quanto nos escritos para adultos.

Findas as conclusões, acredita-se que seria interessante investigar, em um estudo posterior, a emergência de relações retóricas da inserção de segmentos narrativos em outros gêneros discursivos pertencentes ao domínio da divulgação científica midiática, de modo a comparar os dados encontrados com os resultados obtidos na presente pesquisa, a qual se ocupou somente do gênero notícia de divulgação científica.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BERNÁRDEZ, E. Las macro estructuras textuales como objeto del estudio lingüístico. **Actas de las I Jornadas e lengua y Literatura Inglesa y Norteamericana**. Logroño: Colegio Universitario, 1989, p. 107-119.
- _____. **Teoría y Epistemología del Texto**. Madrid: Cátedra, 1995.
- CALSAMIGLIA, H.; VAN DIJK, T. Popularization discourse and knowledge about the genome. **Discourse & Society**, London, v. 15, n. 4, p. 369-389, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. Du discours de vulgarisation au discours de médiatisations scientifique. In: _____. **La médiatisation de la science**. Bruxelles: Éditions de Boeck, 2008a.
- _____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008b.
- _____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Popularização da ciência**. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/popularizacao-da-ciencia;jsessionid=20E42617C25626836F4B5A2CD9209E0E_>. Acesso em: 08 out. 2012.
- GIERING, M. E. O texto como sistema aberto e a configuração prototípica de artigos de opinião autorais. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 7, n. 1, p. 27-44, 2007. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/352/373>. Acesso em: 25 mar. 2013.
- _____. A divulgação científica midiática para crianças e os fins discursivos. **Revista do Gel**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 181-195, 2008.
- _____. A midiatização da ciência: lendo artigos de divulgação científica para adultos e crianças. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- _____; SOUZA, J. A. S. Informar e captar: objetos de discurso em artigos de divulgação científica para crianças. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, C. M. C.; MARQUESI, S. C. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2012.
- GRIZE, Jean-Blaise. **Lógica e linguagem**. Paris: Ophrys, 1990.
- CIÊNCIA HOJE. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/instituto-ch>>. Acesso em: 08 out. 2012.
- LABOV, William. **Language in the inner city**: studies in the black english vernacular. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. **Text** 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W. C. et al. **Rhetorical structure theory and text analysis**. USC/ISI Report, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MASSARANI, Luisa (ed.); NEVES, Rosicler. A divulgação científica para o público infanto-juvenil: um balanço do evento. In: MASSARANI, Luisa (ed.). **Ciência e criança: a divulgação científica para o público infanto-juvenil**. Editado por Luisa Massarani. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008. p. 8-13.

TABOADA, M.; HABEL, C. Rhetorical relations in multimodal documents. **Discourse Studies**, August 3, 2012.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. In: **Com Ciência**, Campinas: LABJOR-UNICAMP, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANEXO A - Lista de relações organizada durante a execução do projeto
 Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica – O.R.T.D.C.
 Atualizada em novembro/2006

VIA APRESENTATIVA (Relações de Apresentação)

ANTÍTESE

N: idéias aprovadas por P.

S: idéias desaprovadas por P.

Condições em N: P tem uma atitude positiva frente a N.

Condições na combinação N+S: N e S estão em contraste (conforme relação de Contraste, isto é, (a) compreendidas como iguais em muitos aspectos, (b) compreendidas como diferentes em poucos aspectos e (c) comparadas com respeito a uma ou mais dessas diferenças). Devido a uma incompatibilidade que vem do contraste, pode-se não ter uma atitude positiva frente a ambas as situações apresentadas em N e S. A compreensão de S e a incompatibilidade entre as situações apresentadas em N e S aumenta a atitude positiva de L para com a situação apresentada em N.

Efeito: aumenta a atitude positiva de L frente a N.

Locus do efeito: N.

CAPACITAÇÃO

N: uma ação.

S: informação destinada a ajudar L a realizar esta ação.

Condições em N: apresenta uma ação de L (incluindo aceitação de uma oferta), não realizada no quadro contextual de N.

Condições na combinação N+S: a compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L de realizar a ação apresentada em N.

Efeito: aumenta a capacidade potencial de L de realizar a ação apresentada em N.

Locus do efeito: N.

CONCESSÃO

N: situação defendida por P.

S: situação aparentemente incompatível, mas também afirmada por P.

Condições em N: P tem uma atitude positiva frente à situação apresentada em N.

Condições em S: P não alega que a situação apresentada em S não se sustenta.

Condições na combinação N+S: P reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre as situações apresentadas em N e S; P considera as situações apresentadas em N e S como compatíveis; o reconhecimento da compatibilidade entre as situações apresentadas em N e S aumenta a atitude positiva de L frente a N.

Efeito: a atitude positiva de L frente a N.

Locus do efeito: N e S.

EVIDÊNCIA (PROVA)

N: uma afirmação.

S: informação destinada a aumentar a crença de L em relação à afirmação em N.

Condições em N: L pode não acreditar em N num grau satisfatório para P.

Condições em S: L aceita S ou o acha verossímil.

Condições na combinação N+S: a compreensão de S por L aumenta sua crença em N.

Efeito: aumenta a crença de L em N.

Locus do efeito: N.

FUNDO

N: afirmação cuja compreensão será facilitada.

S: informações que servem para facilitar a compreensão da afirmação em N.

Condições em N: L não compreenderá N suficientemente antes de ler o texto de S.

Condições na combinação N+S: S aumenta a capacidade de L para compreender um elemento em N.

Efeito: aumenta a capacidade de L para entender N.

Locus do efeito: N.

JUSTIFICATIVA

N: uma afirmação.

S: informação que legitima o direito de P de enunciar o que é afirmado em N.

Condições em N ou S individualmente: nenhuma.

Condições na combinação N+S: a compreensão de S por L aumenta a inclinação de L para aceitar o direito de P de apresentar N.

Efeito: aumenta a inclinação de L para aceitar o direito de P de apresentar N.

Locus do efeito: N.

MOTIVAÇÃO

N: uma ação.

S: informação destinada a aumentar em L o desejo de realizar a ação.

Condições em N: N apresenta uma ação em que L é o ator (actante (incluindo aceitação de uma oferta), não realizada em relação ao quadro contextual de N).

Condições na combinação N+S: a compreensão de S aumenta o desejo de L de realizar a ação apresentada em N.

Efeito: aumenta o desejo de L de realizar a ação apresentada em N.

Locus do efeito: N.

PREPARAÇÃO

N: afirmação que vai ser apresentada.

S: informação preparando L para antecipar e interpretar a afirmação em N.

Condição em N ou S individualmente: nenhuma.

Condições na combinação N+S: S precede N no texto. S faz com que o Leitor se sinta mais preparado, interessado ou orientado para ler N.

Efeito: o Leitor se sente mais preparado, interessado ou orientado para ler N.

Locus do efeito: N.

REFORMULAÇÃO

N: uma situação.

S: uma reformulação da situação apresentada em N.

Condições em N ou S individualmente: nenhuma.

Condições em S: nenhuma.

Condições na combinação N+S: S reformula N, tendo S e N extensão similar. N é mais importante para os propósitos de P que S.

Efeito: L reconhece S como uma reformulação de N.

Locus do efeito: N e S.

RESUMO

N: um conjunto de afirmações/informações.

S: um resumo do conteúdo de N.

Condições em N: N deve ter extensão maior do que se apresenta em S.

Condições na combinação N+S: S apresenta uma reformulação reduzida do conteúdo de N.

Efeito: L reconhece S como uma reformulação reduzida de N.

Locus do efeito: N e S.

VIA HIPOTÁTICA (Relações de Conteúdo)

ALTERNATIVA

N: ação ou situação cuja ocorrência resulta da não ocorrência da situação condicionante.

S: situação condicionante.

Condições em N: apresenta uma situação não realizada.

Condições em S: apresenta uma situação não realizada.

Condições na combinação N+S: a realização de N impede a realização de S.

Efeito: L reconhece que a realização de N impede a realização de S.

Locus do efeito: N e S.

AVALIAÇÃO

N: uma situação.

S: um comentário/observação avaliativo sobre a situação

Condições na combinação N+S: S refere-se a N expressando o grau de atitude positiva de P sobre a situação apresentada em N.

Efeito: L reconhece que a situação apresentada em S afirma/avalia a situação apresentada em N e reconhece o valor que lhe é atribuído.

Locus do efeito: N e S.

AVALIAÇÃO – N; AVALIAÇÃO - S

Definição: em uma relação de avaliação, uma unidade avalia a situação apresentada em outra unidade da relação, numa escala que vai de bom a ruim. Uma avaliação pode ser uma apreciação, uma estimativa, uma

classificação, uma interpretação de uma situação. A avaliação pode ser realizada do ponto de vista do escritor ou de outro agente no texto. A avaliação pode ocorrer tanto no satélite (avaliação S) quanto no núcleo (avaliação N), ou pode se constituir uma relação multinuclear (avaliação), quando as unidades que representam a situação e a avaliação têm igual peso.

AVALIAÇÃO-S

N: situação

S: observação avaliativa numa escala de bom e ruim.

Condições na combinação N + S: S refere-se a N expressando o grau de atitude de P sobre a situação apresentada em N.

Efeito: L reconhece que a situação apresentada em S avalia a situação apresentada em N e reconhece o valor que lhe é atribuído

Lócus do efeito: N e S

AVALIAÇÃO - N

N: observação avaliativa numa escala de bom e ruim.

S: situação

Condições na combinação N + S: N refere-se a S, expressando o grau de atitude de P sobre a situação apresentada em S.

Efeito: L reconhece que N avalia a situação apresentada em S.

Lócus do efeito: N e S

CAUSALIDADE

N: uma situação.

S: uma outra situação que causa ou é causada por N.

Condições em N: N é mais importante para os propósitos de P.

Condições na combinação N+S: S apresenta uma situação que causa ou é causada por N.

Efeito: o Leitor reconhece S como causa de N ou como causado por N.

Locus do efeito: N e S.

CIRCUNSTÂNCIA

N: segmento de texto que expressa acontecimentos ou idéias situados no contexto interpretativo.

S: um contexto interpretativo temporal ou situacional.

Condições em S: apresenta uma situação (realizada).

Condições na combinação N+S: S apresenta um quadro para o tema principal, dentro do qual L deve interpretar a situação apresentada em N.

Efeito: L reconhece que a situação apresentada em S fornece o quadro para a interpretação de N.

Locus do efeito: N e S.

COMENTÁRIO

Definição: em uma relação de comentário, o satélite constitui uma nota subjetiva sobre um segmento anterior do texto. Não é uma avaliação ou interpretação. O comentário é geralmente apresentado sob uma perspectiva que não a que se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo.

N: uma situação

S: constitui uma nota/observação subjetiva sobre um segmento anterior do texto

Condições na combinação N+S: S refere-se a N expressando uma observação subjetiva numa perspectiva que não se encontra explicitada nos elementos focados no núcleo.

Efeito: L reconhece que a nota/observação apresentada em S expressa uma informação subjetiva numa perspectiva que não a explicitada em N

Locus do Efeito: N e S

CONDIÇÃO

N: ação ou situação cuja ocorrência resulta da ocorrência da situação condicionante.

S: situação condicionante.

Condições em S: S apresenta uma situação hipotética, futura ou, em outras palavras, não realizada (referente ao contexto situacional de S).

Condições na combinação N+S: a realização da situação apresentada em N depende da realização daquela apresentada em S.

Efeito: L reconhece que a realização da situação apresentada em N depende da realização da situação apresentada em S.

Locus do efeito: N e S.

CONDIÇÃO INVERSA

N: uma situação não-realizada.

S: uma situação não-realizada.

Condições na combinação N+S: S afeta a realização de N. N será levado a cabo somente se S não for levado a cabo.

Efeito: o Leitor reconhece que N será levado a cabo somente se S não for levado a cabo.

Locus de efeito: N e S.

NÃO-CONDICIONAL

Condições em N: S poderia afetar a realização de N.

Condições na combinação N + S: N não depende de S.

Efeito: L reconhece que N não depende de S.

Locus do efeito: N e S.

ELABORAÇÃO

N: informação básica.

S: informação adicional.

Condições em N: nenhuma.

Condições em S: nenhuma.

Condições na combinação N+S: S apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do conteúdo que é apresentado em N ou inferencialmente acessível em N, de um ou mais dos modos listados abaixo. Na lista, se N apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o S inclui o segundo:

- Conjunto - membro
- Abstrato - exemplo
- Todo - parte

- Processo - etapa
- Objeto - atributo
- Generalização - especificação

Efeito: L reconhece a situação apresentada em S como fornecendo detalhes adicionais para N. L identifica o elemento para o qual os detalhes são fornecidos.

Locus do efeito: N e S.

INTERPRETAÇÃO

N:

S:

Condições em N:

Condições em S:

Condições na combinação N+S: S relaciona N com um quadro de idéias não envolvidas no próprio N e não concernentes ao grau de atitude positiva de P.

Efeito: L reconhece que S relaciona N com um quadro de idéias não envolvidas no conteúdo apresentado no próprio N.

Locus do efeito: N e S.

MÉTODO

N: uma atividade.

S:

Condições em N: uma ação.

Condições em S: não há.

Condições na combinação N+S: S apresenta um método ou um instrumento que pode tornar possível a realização de N.

Efeito: o Leitor reconhece que o método ou o instrumento apresentado em S pode tornar possível a realização de N.

Locus do efeito: N e S.

PROPÓSITO (FINALIDADE)

N: uma situação pretendida.

S: a intenção subjacente à situação.

Condições em N: apresenta uma atividade.

Condições em S: apresenta uma situação que não é realizada.

Condições na combinação N+S: S apresenta uma situação a ser realizada mediante a atividade em N.

Efeito: L reconhece que a atividade em N é iniciada a fim de realizar S.

Locus do efeito: N e S.

SOLUÇÃO

N: uma situação ou método/procedimento que traz completa ou parcialmente a satisfação da necessidade/desejo.

S: um problema, uma questão ou um outro desejo expresso.

Condições em N: não há.

Condições em S: apresenta um problema.

Condições na combinação N+S: a situação apresentada em N é uma solução (parcial) para o problema determinado em S.

Efeito: L reconhece a situação apresentada em N como uma solução (parcial) para o problema apresentado em S.

Locus do efeito: N e S.

VIA PARATÁTICA (Relações Multinucleares)

CONTRASTE

N: multinuclear

Condições em N: multinuclear.

Condições na combinação de núcleos: não mais de dois núcleos; as situações apresentadas nesses dois núcleos são (a) compreendidas como iguais em muitos aspectos, (b) compreendidas como diferentes em alguns aspectos e (c) comparadas com respeito a uma ou mais dessas diferenças.

Efeito: L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) apresentadas nessa comparação.

Locus do efeito: múltiplos núcleos.

SEQÜÊNCIA

N: multinuclear

Condições em N: multinuclear.

Condições em N: multinuclear

Condições na combinação de núcleos: existe uma relação de sucessão entre situações apresentadas nos núcleos.

Efeito: L reconhece a relação de sucessão entre os núcleos.

Locus do efeito: múltiplos núcleos.

REFORMULAÇÃO MULTINUCLEAR

N: multinuclear

Condições em N: multinuclear.

Condições na combinação de núcleos: um elemento é a repetição do outro ao qual se encontra unido; os elementos são de importância similar no que diz respeito aos fins de P.

Efeito: L reconhece a repetição dos elementos unidos.

Locus de efeito: múltiplos núcleos.

UNIÃO

A união é uma relação multinuclear, que não é caracterizada pelo enlaçamento entre os núcleos. É uma relação que não conta com nenhuma condição ou nenhum efeito específico.

LISTA

N: multinuclear.

Condições em N: multinuclear.

Condições na combinação de núcleos: um elemento comparável a outros e unido ao outro N mediante a relação de Lista.

Efeito: L reconhece a comparação dos elementos em lista.

Locus do efeito: múltiplos núcleos.

ANEXO B - Mídia digital contendo os textos pertencentes aos dois *corpora* (infantil e adulto), na íntegra, bem como as análises de suas estruturas retóricas.

Os segmentos narrativos estão marcados em amarelo nos textos